



**Carla Lima Bastos**

**O nacionalismo na Rússia após o fim da União Soviética:  
O conflito entre tchetchenos e russos.**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de bacharelado em Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília – UNICEUB.

**Brasília – DF**

**2006**

**Carla Lima Bastos**



**Carla Lima Bastos**

**O nacionalismo na Rússia após o fim da União Soviética:  
O conflito entre tchetchenos e russos.**

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Renata de Melo Rosa  
(Orientadora)

---

Prof. Marco Antonio de Meneses Silva  
(Membro)

---

Prof. Raquel Boing Marinucci  
(Membro)

Brasília, DF  
24 de Fevereiro de 2006

*"Que energia e que força  
vital!, disse para comigo,  
pensando naquilo que me  
custara a arrancar o cardo.  
Como vendem cara a sua vida!  
Como lutou para defendê-la!"*

Leon Tolstoi - Hadji

Murat,1986

Agradeço:

Aos meus pais, não apenas pelo apoio financeiro, que tornou possível a conclusão deste curso de graduação, mas também pelo amor e carinho com os quais sempre me apoiaram, acreditando e me incentivando a ir além.

A Professora Renata Melo, pela paciência e sabedoria com as quais me orientou, me encorajando à pesquisa.

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a minha formação acadêmica e para a conclusão deste trabalho.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	vi
<b>Introdução</b> .....	1
A escolha do projeto de pesquisa.....	1
Conteúdo.....	2
Metodologia.....	2
<b>Capítulo 1 – A formação da identidade nacional</b> .....	4
1.1 – Nação, Estado e Nacionalismos.....	5
1.2 – Uma análise histórica do nacionalismo desde 1780.....	9
<b>Capítulo 2 – O povo do Cáucaso e a luta contra a dominação</b> .....	17
2.1 – O início da formação da identidade nacional russa.....	18
2.2 – A luta contra a dominação imperial.....	20
2.3 – Socialismo, uma saída para as lutas nacionalistas.....	22
2.4 – O fim do comunismo: uma nova esperança.....	27
<b>Capítulo 3 – Nacionalismos na Rússia a partir da década de 90</b> .....	32
2.1 – A volta ao nacionalismo.....	32
2.2 – O desenvolvimento do conflito.....	35
2.3 – Expectativas.....	38
<b>Conclusão</b> .....	42
<b>ANEXO I – A – Acordo de Khasavyurt</b> .....	44
<b>ANEXO I – B – Complemento ao Acordo de Khasavyurt</b> .....	45
<b>ANEXO II – Tratado de Paz</b> .....	46
<b>ANEXO III – Mapa da Federação Russa</b> .....	47
<b>ANEXO IV – Composição étnica das Repúblicas da Federação Russa</b> .....	48
<b>ANEXO V – Mapas</b> .....	49
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	50
<b>Fontes Eletrônicas</b> .....	

## **Resumo**

Esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise do movimento separatista tchetcheno que surgiu com o fim da União Soviética e que tem se desenrolado já por mais de trezentos anos sem que uma solução pacífica tenha sido encontrada. O trabalho tem como enfoque as bandeiras do nacionalismo que voltaram a ser levantadas após o fracasso do sistema comunista. Inicialmente, será trazido para discussão definições bastante utilizadas de nação e Estado, assim como a dinâmica do nacionalismo durante um corte de período histórico que parte da Revolução Francesa aos dias de hoje. Em seguida, a fim de possibilitar uma melhor análise do problema, será apresentado o histórico deste conflito. Por fim, se analisará a situação atual e as possíveis saídas para este embate que tem sido um dos principais itens na agenda interna russa.

Palavras-chave: identidade nacional - conflitos étnicos – tchetchenos e russos.

## **Introdução**

### **A escolha do objeto de pesquisa**

Este trabalho de pesquisa pretende analisar a situação atual do conflito entre tchetchenos e russos. O estudo estará concentrado no ressurgimento de movimentos nacionalistas, em especial na Rússia, após a queda da União Soviética. A orientação do trabalho estará direcionada à análise dos motivos que deram ensejo ao conflito, analisando a história de convivência entre estes dois povos.

Ao final de 1991, a Rússia encontrava-se em pleno processo de reestruturação política e econômica. Aproveitando este momento de fragilidade, a Tchetchênia declarou sua independência. Por ser uma república autônoma, e ser parte integrante do território russo desde antes do início do comunismo, os russos não aceitaram a independência e, em 1994, invadiram a Tchetchênia com o intuito de reintegrá-la e combater os líderes do movimento separatista. Entretanto, a operação russa não obteve sucesso pois, após quase dois anos de batalha, o exército russo perdeu um grande contingente e não havia conseguido grandes avanços. Em vista das eleições que ocorreriam naquele ano, Boris Yeltsin decidiu retirar as tropas e assinar um acordo de paz, por meio do qual as partes se comprometiam a pensar melhor sobre o assunto e voltar as negociações até o final de 2001. No entanto, após este acordo de paz, a Tchetchênia mergulhou em uma crise de violência profunda. Os separatistas tchetchenos passaram a se utilizar de meios como o terrorismo a fim de se conseguir de qualquer forma a independência da República. No final da década de 90, a Tchetchênia foi novamente invadida pelo exército russo, desta vez a operação foi de combate ao terrorismo e não mais de reintegração.

A relevância desta pesquisa se refere a dois motivos principais: primeiro porque a questão tchetchena tem sido um dos principais desafios do governo russo desde o final da União Soviética, que enfrenta grandes dificuldades ao encarar o conflito, tendo sido bastante difícil achar uma solução pacífica. O outro motivo de caráter mais global, ao qual se deve a relevância do tema diz respeito à questão dos movimentos separatistas

que apareceram com o final do comunismo. Estes movimentos aliados aos de xenofobia, observados principalmente na Europa Ocidental, fazem parte da nova “cara” dos movimentos nacionalistas. Estas contendas têm sido bastante complicadas de resolução justamente pela delicadeza que as toca. No entanto, apesar das dificuldades, estes problemas devem ser encarados com seriedade pela comunidade internacional de modo que se encontre uma solução.

### **Conteúdo**

A monografia é composta por três capítulos nos quais são trazidas à discussão informações de extrema relevância para o objeto de pesquisa. O primeiro capítulo aborda o nacionalismo, sua origem e sua dinâmica no decorrer do tempo. Este capítulo traz ainda, uma análise das principais definições de nação, nacionalismo e de Estado, explicando como se deu a formação destes. O segundo capítulo aborda o histórico do conflito entre tchetchenos e russos, trazendo informações a partir do período no qual estes dois povos encontraram-se pela primeira vez e analisando a tentativa da formação de uma identidade nacional por parte dos tchetchenos e dos russos durante este período. Por fim, se analisará a situação atual, procurando compreender os motivos pelos quais o conflito teve início e por que tem sido tão complicado chegar a um denominador comum. Serão analisadas, ainda, quais são as possibilidades, ou que ações poderiam ser implementadas de modo que de alcançasse a resolução deste embate.

### **Metodologia**

Com a finalidade de responder às indagações acima colocadas se tentou fazer uma análise do termo nação, considerando-se as definições que contribuíram para o debate sobre este tema, principalmente a de Benedict Anderson. Com base nos textos de Eric Hobsbawn, buscou-se analisar de forma profunda os movimentos nacionalistas a partir do século XVIII, a fim de melhor se explicar o que se passa no período ao qual a pesquisa estará focada, ou seja, o início da década de 90. Em seguida, a monografia faz uma análise dos 300 anos nos quais estes povos têm coexistido, sempre considerando as relações entre os dois. Finalmente, após a análise teórica acerca de nações e nacionalismo, e de uma imersão na história da formação da identidade

nacional russa e tchetchena, e, baseando-se nestes dados, tentar-se-á ponderar a respeito do tema, trazendo algumas conclusões e apontando possíveis soluções para tal situação.

## Capítulo 1

### A formação da identidade nacional

Para conviver em sociedade o homem utiliza um sistema de símbolos. E é este sistema que “nos impulsiona para agir, interagir e nos organizar”.<sup>1</sup> É através dos símbolos, que, aos poucos, as relações sociais, assim como as culturas, vão sendo moldadas. De acordo com Jonathan Turner, os sistemas de símbolos são formulados a partir de outros sistemas, como a linguagem, tecnologia, valores, crenças, sistemas normativos e estoques de conhecimento.<sup>2</sup> Devido a essa grande variedade de componentes, as sociedades acabam se tornando tão diferentes umas das outras. É interessante ressaltar, quanto aos símbolos, que “os homens os criam e podem recriá-los à medida que transformam suas relações uns com os outros quando reorganizam seus mundos sociais ou quando lidam com novas condições ambientais”.<sup>3</sup> Ou seja, o agir social varia em função do tempo e do espaço. Ao longo dos anos, a forma de atuação dos indivíduos de uma sociedade vai cambiando, o que gera alterações na forma de organização social. Dependendo também da região do globo, pode-se encontrar diferentes formas de interação social. As variações destes sistemas culturais, dos valores e das crenças no ambiente mundial, podem ser “uma fonte de constantes contradições e tensão numa sociedade”.<sup>4</sup>

Por outro lado, o agir social cria laços culturais, que dão forma às comunidades, e conseqüentemente às nações. Ou seja, neste caso, estes sistemas de símbolos são utilizados para agregar os indivíduos dentro de uma mesma comunidade e, conseqüentemente dentro de uma mesma nação. Não há uma definição científica absoluta para o termo nação, o que pode ser discutido é que existe nação quando um número significativo de pessoas em uma comunidade se considera uma nação e se

---

<sup>1</sup> TURNER, Jonathan H. *Sociologia: Conceitos e aplicações*, p. 33

<sup>2</sup> TURNER, Jonathan H. *Op. cit.*, pp. 36-41

<sup>3</sup> *Idem*, p. 42

<sup>4</sup> *Ibidem*.

comporta como tal.<sup>5</sup> Na seção seguinte o termo nação será analisado de forma mais cuidadosa e serão exploradas as principais definições.

### **1.1 – Nação, Estado e Nacionalismos**

Uma definição de nação que tem sido muito utilizada é a de Benedict Anderson, segundo o qual “nação é a comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana”.<sup>6</sup> O termo comunidade é utilizado, na definição de Anderson, por haver, entre os membros da nação, um companheirismo “profundo e horizontal”.<sup>7</sup> Portanto, ao imaginar o todo nacional, não são consideradas as diferenças existentes; todos se vêem como iguais, com a mesma importância moral dentro da comunidade. Esta comunidade é imaginada porque, por menor que seja, seus membros não se conhecem uns aos outros pessoalmente. Conseqüentemente, apenas imagina-se que há outros nacionais que fazem parte da mesma comunidade. Por outro lado, por maior que seja a comunidade política imaginada, esta terá sempre uma delimitação territorial, ou seja, existirá apenas dentro de certas fronteiras; por isso ela é imaginada como limitada. Finalmente, a última característica trazida por Anderson diz respeito à soberania, já que a nação é reconhecida politicamente pela comunidade internacional.

Ainda segundo Anderson, o nacionalismo surge em uma época propícia, pois se tratava do momento em que o Iluminismo surgia na Europa com a racionalização extrema das idéias. Desde então, passou-se a explicar o mundo utilizando-se a razão e a ciência, o que fez com que o paradigma religioso fosse relativizado e perdesse o monopólio de explicação da vida social. A idéia de vida eterna após a morte, tão buscada por todos, começava a ser posta em xeque. Como Anderson parece acreditar que o desejo de ser eterno é uma aspiração absoluta dos indivíduos, ele argumenta então que esta era a época ideal para o surgimento da idéia de nação, pois esta poderia ser eterna, e desta forma as aspirações individuais poderiam ser supridas.

Benedict Anderson busca, ainda, a explicação para o florescimento da idéia de nação a partir do surgimento de novos idiomas na Europa do Medievo. Havia, neste

---

<sup>5</sup> SETON-WATSON, Hugh. *Nations and States*, p.5

<sup>6</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, p.14

<sup>7</sup> ANDERSON, Benedict. Op. cit, p.16.

período, a propagação de novos dialetos falados pelas classes populares. Com o tempo, estas línguas vulgares foram expandindo-se e tornando-se importantes diacríticos de diferenciação entre o “nós” e os “outros”. O desenvolvimento das idéias nacionalistas foi impulsionado, ainda, pela evolução da indústria editorial que passou a publicar em tais idiomas, pois percebeu que havia uma grande demanda deste público. À medida que o número de publicações aumentava, estas novas línguas iam se sedimentando e fortalecendo a idéia do nacional. As publicações tiveram, ainda, um outro papel fundamental na formação da nação, por intermédio de notícias em jornais que seguiam a estrutura de um romance. Diversos personagens atuavam ao mesmo tempo, transmitindo uma idéia de simultaneidade, favorecendo a percepção de que outros fatos aconteciam dentro do território e ao mesmo tempo. Isto aguçava a imaginação de que havia outros coexistindo dentro da sociedade.

A despeito da definição de Anderson ter sido de grande contribuição para a reflexão acerca do tema, há autores que o contestam, dentre os quais destaca-se Gopal Balakrishnan. Para este autor, a idéia de uma nação eterna seria, em si, muito fraca para conseguir atrair adeptos a lutar pela pátria. Segundo Balakrishnan, se “nos afastarmos da analogia com a religião e considerarmos, em vez dela, a estrutura afetiva dos laços de parentescos, a argumentação de Anderson logo parecerá mais plausível”.<sup>8</sup> Assim, os laços familiares seriam mais adequados em uma analogia com a nação apresentada por Anderson, pois esta seria a comunhão de pessoas sustentada pela solidariedade, tal qual uma família. De acordo com este pensamento, Anderson não define nação em função do ódio ao outro, ao diferente, e sim com base no caráter volitivo individual, ou seja, se todos estão juntos é por vontade própria e pela identificação mútua, já que supostamente, todos se vêem como iguais.

Outro autor que traz algumas críticas a Anderson é o indiano Partha Chatterjee. No artigo intitulado “Comunidade Imaginada por Quem?”, o autor retoma a idéia de nacionalismo nas décadas de 50 e 60, quando os movimentos anticolonialistas na Ásia e na África eram vistos como puramente nacionalistas. No entanto, “à medida que novas práticas institucionais da economia e da política nos Estados pós-coloniais foram

---

<sup>8</sup> BALAKRISHNAN, Gopal. “A Imaginação Nacional” in: BALAKRISHNAN, Gopal (org). *Um Mapa da Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p.217.

disciplinadas e normalizadas sob rubricas conceituais de ‘desenvolvimento’ e ‘modernização’”,<sup>9</sup> o nacionalismo tal como se conhecia foi entendido como algo característico da história dos impérios coloniais. O modelo de nação já havia sido imaginado, com base nas experiências ocorridas na Europa e na América, e não restava nada mais a não ser copiar estes modelos de organização nacional.

Tomando como base o exemplo da Índia, Chatterjee argumenta que dentro de sociedades como esta, o nacionalismo surge muito antes da reivindicação pela independência. Ou seja, já havia um sentimento de pertencimento a uma nação indiana antes mesmo da criação de um Estado, o que os tornavam uma nação sem soberania. No caso indiano, surge a partir da criação do Congresso Nacional indiano, ainda durante o domínio inglês, em 1885. Isto ocorre, porque segundo Chatterjee, o nacionalismo divide-se em dois domínios, o material e o espiritual<sup>10</sup>: “O material é o domínio externo, da economia e da política, da ciência e tecnologia, um campo em que o Ocidente provou sua superioridade e em que o Oriente sucumbiu”.<sup>11</sup> O campo exterior está ligado à burocracia estatal, à organização do Estado, seria, portanto, um tipo de nacionalismo oficial. “O espiritual, por outro lado, é um domínio interno que traz as marcas essenciais da identidade cultural”.<sup>12</sup> Esta combinação entre estes dois domínios seria característico ao nacionalismo na Ásia e na África, segundo Chatterjee.

Em sociedades como a indiana, o Estado deveria reconhecer as diferenças concretas entre raças, religiões, castas e assim por diante. O direito à diferença no âmbito interior de cada um destes diacríticos dentro de uma mesma sociedade deve ser respeitado para que o domínio externo do nacionalismo, ou seja, a organização estatal funcione adequadamente. Este seria o ideal para sociedades onde há pluralidade cultural, étnica ou lingüística para que as diferenças consigam coexistir pacificamente, já que o nacionalismo que une os indivíduos é uma camada muito fina do tecido social.

Diante destas afirmações faz-se necessário um esclarecimento quanto aos termos nação e Estado, pois muitas vezes estes se confundem. Segundo Seton-Watson, há dois significados para o termo nacionalismo. O primeiro deles diz respeito ao

---

<sup>9</sup> CHATTERJEE, Partha. “Comunidade Imaginada por Quem?” in: BALAKRISHNAN, Gopal (org). *Um Mapa da Questão Nacional* Rio de Janeiro: Contraponto, 2000., p. 227

<sup>10</sup> CHATTERJEE, Partha. Op. cit, p.230

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> Ibidem.

caráter, ao interesse e aos direitos e deveres das Nações. O segundo significado seria o de um movimento político organizado destinado a lutar pelos interesses de uma Nação.<sup>13</sup> De uma certa forma, estas definições estão bem relacionadas com o que traz Lucio Levi<sup>14</sup>, quando diz que “o termo nacionalismo designa a ideologia nacional, a ideologia de determinado grupo político, o Estado nacional, que se sobrepõe às ideologias dos partidos, absorvendo-as em perspectiva”.<sup>15</sup> Em seguida, traz outra significação, a qual classifica como mais restrita, que “evidencia uma radicalização das idéias de unidade e independência da nação e é aplicada a um movimento nacional”.<sup>16</sup> Estes movimentos perseguiriam dois objetivos: no plano interno do Estado, seria proporcionar a consciência de unidade do povo, atribuindo a todos os indivíduos os mesmos direitos. No plano internacional, a meta buscada é que se reconheça a soberania deste Estado, seria o princípio da autodeterminação.

Portanto, como afirma Seton-Watson, “Estados podem existir sem uma nação, ou com várias nações inseridas no seu território; e uma nação pode ser equivalente à população de um Estado, ou fazer parte, com outras nações, de um mesmo Estado, ou estar dividida em vários Estados”.<sup>17</sup> Seria como duas circunferências distintas, as quais em alguns casos podem estar circunscritas e em outros pode haver variações, por exemplo, a circunferência da nação pode fazer interseção com mais de um Estado.

Pode parecer um pouco sem sentido afirmar que nação e Estado são coisas distintas quando nos defrontamos com a Organização das Nações Unidas, uma entidade supranacional formada por Estados. No entanto, há que esclarecer que o vocábulo nação é utilizado com este propósito, ou seja, para designar países, desde a Revolução Francesa, tornando-se mais comum ainda a partir do período wilsoniano, quando foi formada a Liga das Nações, logo após a Primeira Guerra Mundial. Esta utilização explica-se pelo fato de que àquela época, em 1918, considerava-se que os Estados eram de fato formados por nações, por pessoas que possuíam laços comuns e que, portanto, se viam como pertencentes a uma nação, ou seja, o princípio da “autodeterminação dos

---

<sup>13</sup> SETON-WATSON, Hugh. Op. cit, p.3

<sup>14</sup> LEVI, Lucio. “Nacionalismo” in: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*, 12ª ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. p.799.

<sup>15</sup> LEVI, Lucio. Op. cit, p. 799

<sup>16</sup> Ibidem

<sup>17</sup> SETON-WATSON, Hugh. Op. cit, p.1

povos” era observado rigorosamente. Todavia, com o tempo, percebeu-se que há Estados nos quais não se observa esta unidade nacional. É apropriada, então a distinção de Seton-Watson entre nação cultural e nação política.

A primeira seria uma comunidade unida pela língua, ou religião, ou mitologias históricas ou ainda outros vínculos culturais. A outra seria a comunidade que, além de possuir laços culturais, possui também uma estrutura de governo legitimada, aproximando-se, assim, mais da definição de Estado. Este mesmo autor afirma que Estado é uma organização política e legal, com o poder de exigir obediência e lealdade de seus cidadãos, e nação é a comunidade de pessoas, na qual os membros são ligados por um senso de solidariedade, uma cultura comum e uma consciência nacional.<sup>18</sup>

### **1.2– Uma análise histórica do nacionalismo a partir de 1780.**

A fim de elucidar melhor os conceitos de nação e nacionalismo, faz-se necessário um estudo mais cuidadoso da dinâmica destes termos ao longo do tempo. Eric Hobsbawm apresenta quatro fases do nacionalismo. A primeira delas abarca o período que vai de 1780 até o terceiro quarto do século XIX, período marcado pela expansão do capitalismo, impulsionado pela era industrial que acabava de surgir. Foi neste período, também, que se deu a Revolução Francesa. Com o triunfo das idéias iluministas, e a secularização da razão, deixou-se de recorrer a uma divindade para explicar ou para legitimar os acontecimentos terrenos e passou-se a procurar explicações na ciência.

Por conseqüência, o poder de governar do rei deixou de emanar de uma entidade superior e passou a emanar do povo, que aos poucos deixaram de ser súditos e passaram a ser cidadãos. Neste novo papel social, os indivíduos passaram a se perceber como uma comunidade de pessoas detentoras de interesses iguais, que se unem, concedendo poder a um governo central que as representa. A nação se torna “o corpo de cidadãos cuja soberania coletiva os constituía como um Estado concebido como sua expressão política”,<sup>19</sup> de modo que o interesse coletivo passou a se sobrepor ao

---

<sup>18</sup> Ibidem

<sup>19</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*, p.31.

interesse individual, ou sobre eventuais diferenças étnicas ou culturais. Estes interesses comuns, segundo a corrente liberal, estariam restritos aos interesses econômicos. Ou seja, os indivíduos se reuniriam na formação de um Estado nacional basicamente pelo interesse econômico. Os movimentos nacionalistas, neste período, eram não de separação, mas de expansão e agregação. As nações mais fortes acabavam por absorver as menores e assim iam aumentando seus impérios e, conseqüentemente, seu poder econômico.

É importante ressaltar que havia situações nas quais a unidade nacional era imposta, ou seja, a nação mais forte dominava os povos militarmente mais fracos por meio da força. No entanto, havia casos em que, a própria comunidade, por ser muito pequena, via na integração a oportunidade única de sobrevivência. Com a idéia de que os interesses econômicos eram inerentes à formação do Estado nacional, surge o chamado “princípio do ponto crítico”, ou seja, “a autodeterminação das nações ajustava-se apenas para as nações consideradas viáveis: ou seja, viáveis culturalmente e, é lógico, economicamente”.<sup>20</sup> De acordo com esta visão liberal, o nacionalismo seria, de uma certa forma, forjado no interior dos impérios. As grandes nações estendiam seus domínios e, desta forma, tentavam expandir sua cultura e sua língua ao longo de todo o território. Era um nacionalismo que surgia de “cima para baixo”, já que o Estado imperial dominante constituía-se no vínculo que ligava as demais comunidades dentro das fronteiras. Muitas vezes, esta imposição era aceita pacificamente, em outros casos, havia sérios conflitos.

Após este período de influência liberal na formação dos Estados, quando os interesses econômicos vinham em primeiro plano, a Europa passou para uma fase em que as diferenças locais, antes suprimidas, floresceram. O “princípio do ponto crítico”, antes tão considerado na formação de um Estado, agora havia sido abandonado. “Qualquer corpo de pessoas que se considerasse uma nação demandaria o direito à autodeterminação”.<sup>21</sup> Isto significava o direito a um Estado soberano com fronteiras bem definidas. A identidade nacional tornava-se cada vez mais divulgada, não só com a intenção de sedimentar alguns movimentos separatistas, como também para que as

---

<sup>20</sup> HOBBSAWM, Eric, Op. cit, p.44

<sup>21</sup> Idem, p.53

diferentes nações ou os diferentes povos pudessem ter uma participação mais relevante dentro do próprio império. Os critérios lingüísticos não eram os únicos a influenciar a formação de um novo Estado. A religião, por exemplo, também se mostrou bastante importante nas reivindicações dos povos da Macedônia, como mostra Hobsbawm<sup>22</sup>. Outro critério muito utilizado para a formação de uma nação era a raça. A insistência na pureza da raça e a forma negativa com a qual era vista a miscigenação também teve uma grande influência nos movimentos nacionalistas do final do século XIX.

Estas diferenças supramencionadas foram ganhando maior relevância à medida que o sistema capitalista mostrava suas imperfeições. A camada da população detentora dos meios de produção enriquecia às custas do trabalho da grande massa, o que aumentava cada vez mais as diferenças sociais. Transplantando essa idéia para um cenário macro, nota-se que a etnia dominante dentro de um império, ao concentrar o poder para si, acabava por oprimir os povos menores, que, por sua vez, se sentiam descontentes com tal situação e deixavam aflorar as diferenças já existentes. Neste processo histórico pode-se observar o encontro do nacionalismo com o socialismo.

Este encontro parece, à primeira vista, um tanto quanto inusitado, visto que o socialismo defendia a união de todos os trabalhadores independentemente de nacionalidade. Marx convocou a classe proletária de todo o mundo a lutar contra a ordem vigente, e inverter a situação de dominação material. Ao propor uma nova realidade, o socialismo passou a atrair estes povos menores que, algumas vezes estavam em busca apenas de uma participação maior dentro do império, ou que buscavam realmente a constituição de um Estado nacional. Hobsbawm cita o exemplo da Rússia, na qual

*“Entre os ativistas de algumas nacionalidades oprimidas, como os poloneses e os ucranianos, o acontecimento dava esperança para a reforma – e talvez mesmo até para a independência. Contudo, o espírito dominante era formado pelo desejo de paz e de transformação”.*<sup>23</sup>

O que se pode concluir deste período é que as diferenças existentes no interior da nação começam a ganhar força. As nações menores começam a perceber a

---

<sup>22</sup> Idem, p.56

<sup>23</sup> Idem, p.150

possibilidade de formação de Estados próprios, seguindo o critério Wilsoniano, segundo o qual, para cada nação deveria existir um Estado. No entanto, há que se analisar se isso se deu de fato em todas as nações. O certo é que, após a Primeira Guerra Mundial, a configuração do mapa europeu era bem diferente da anterior.

O período logo após a Primeira Guerra Mundial foi marcado pelo surgimento de um grande número de Estados, que se formaram com a queda dos impérios. No entanto, a idéia de que as fronteiras coincidiriam com as nacionalidades acabou caindo por terra, uma vez que os novos Estados eram tão multinacionais quanto os impérios. A diferença residia no fato de os Estados serem menores. Em alguns casos, tentou-se homogeneizar tais nações por meio de expulsão ou, até mesmo, por extermínio das minorias. De acordo com Hobsbawm, “a nação homogênea podia agora ser vista como um programa que seria realizado por bárbaros ou, pelo menos, por meio de bárbaros”.<sup>24</sup>

O fato é que o sonho de uma nação homogênea parecia difícil de se realizar, ou em alguns casos, não era tão desejado assim. Havia uma distância entre a idéia de nação dos líderes nacionalistas e a idéia de nação do resto da população. Muitas vezes notou-se que determinados povos se sentiam melhor em um Estado alheio:

*“a existência de poloneses preferindo viver na Alemanha a morar numa Polônia renascida, e de eslovacos que escolheram a Áustria desprestigiando a nova Iugoslávia, não podia ser negada, mesmo que isso fosse a priori inexplicável para quem acreditava na necessária identificação dos membros da nacionalidade com o Estado territorial que declarava incorporá-los.”<sup>25</sup>*

Outro ponto de reflexão apontado por Hobsbawm refere-se ao período em que a identidade nacional adquiriu novos meios importantes de se expressar. O primeiro deles foi o avanço nos meios de comunicação, o que facilitou a propagação de informações dentro do Estado. Este avanço foi particularmente importante para que Estados totalitários conseguissem se estabelecer, como o caso da Alemanha que, com Hitler, contou com o desenvolvimento dos meios de comunicação e com as habilidades pessoais que possuía para persuadir. A comunicação foi também de suma importância

---

<sup>24</sup> Idem, p.162

<sup>25</sup> Idem, p.163

na construção de símbolos nacionais, como o exemplo citado por Hobsbawm do Natal real.<sup>26</sup> Uma segunda forma de expressar a nacionalidade ocorreu mediante competições internacionais. Nesta época, surgiram competições como a Copa do Mundo de futebol e os Jogos Olímpicos modernos, nos quais as diferentes nações se digladiavam em jogos ao redor do mundo. Cada nação se via representada por seus atletas, que traziam o sentimento nacional “à flor da pele”.

Contudo, neste período, segundo Hobsbawm, houve “um reencontro da revolução social com o sentimento patriótico”.<sup>27</sup> Este foi um fenômeno extremamente complexo, uma vez que os movimentos sociais se alastraram mundo afora apoiando movimentos antiimperialistas. Para o autor, “Lênin descobrira que a libertação de povos coloniais oprimidos era um argumento potencialmente importante para a revolução mundial”.<sup>28</sup> Isto explica porque “os Estados descolonizados e recém-independentes tenham se declarado de alguma forma socialistas”.<sup>29</sup> Aquela primeira impressão de que talvez o socialismo fosse a saída para movimentos nacionalistas se expandiu pelo globo. Os ideais socialistas e nacionalistas mesclaram-se, de fato, às lutas pela independência.

Dentro de alguns destes novos Estados, formados a partir de uma variedade étnica, encontraram-se conflitos. Geralmente a população destes Estados foi formada pelo povo que ali habitava antes da dominação, pelos colonizadores e por imigrantes que chegaram mais tarde. Esta característica multiétnica gerou conflitos separatistas em determinados lugares. Porém, esta não foi à regra geral. Há exemplos de sociedades compostas por inúmeras etnias onde há uma convivência pacífica. Isto pode ser observado em sociedades onde determinada minoria étnica exerce função complementar dentro de uma sociedade dominante. O fato é que, apesar de se parecerem com movimentos nacionais, especialmente por muitas vezes falarem sua língua própria e terem sua cultura própria, estas etnias não pretendem assumir o lugar do idioma oficial.

---

<sup>26</sup> A família real britânica começou nesta época o costume de ir a rádio (anteriormente) fazer o seu discurso de natal aos britânicos. O costume continua hoje, porém o pronunciamento é feito através da televisão.

<sup>27</sup> Idem, p.174

<sup>28</sup> Idem, p.177

<sup>29</sup> Ibidem.

O cenário mundial modificou-se bastante a partir da Segunda Guerra Mundial. Esta modificação foi impulsionada, principalmente, pelo desenvolvimento tecnológico, que permitiu uma maior integração. Esta nova ordem mundial acabou por derrubar os pilares que sustentavam a ordem mundial anterior, baseada em conceitos que existiam desde a Paz de Vestifália.<sup>30</sup> Passou a haver uma maior integração do globo, percebida principalmente na economia. De acordo com Mark Zacher, “o período posterior a 1945 testemunhou um aumento marcante tanto dos laços econômicos internacionais como da ordenação regulatória e cooperativa destinada a administrá-los”.<sup>31</sup> Ou seja, à época em que os Estados tinham completo domínio sobre sua economia havia passado, o capital tornou-se cada vez mais independente, e os Estados, por sua vez, mais dependentes uns dos outros. Este fenômeno teve ainda outro impacto sobre a estruturação dos Estados, que foi a onda maciça de migração, o que acabou gerando conflitos intercomunais.

É neste contexto histórico que Hobsbawm conclui que uma vez diminuída a importância dos Estados no cenário internacional, diminuiu-se também a importância da nação. Portanto, os movimentos nacionalistas perdem a sua importância. Segundo Hobsbawm, o nacionalismo hoje é bem diferente do nacionalismo do século XIX, pois já não se apresenta como o principal vetor de desenvolvimento histórico. Esta decadência é ocultada principalmente pela “ilusão semântica que deriva do fato de que todos os Estados são hoje nações em termos oficiais, embora muitos deles não tenham nada em comum com o que o termo Estado-nação possa significar”.<sup>32</sup> Dentro destes Estados, qualquer movimento que se oponha ao governo central acaba, segundo Hobsbawm, a autodenominar-se nacionalista, por ser mais conveniente. De modo que “nações e nacionalismos, portanto, parecem ser mais influentes e onipresentes do que realmente são”.<sup>33</sup>

Hobsbawm é claro na sua posição com relação ao nacionalismo nos dias de hoje. “A emoção de fazer parte de uma comunidade imaginada, nada é sem a criação de Estados-nações, e um mundo de tais Estados, adequando-se aos atuais critérios de

---

<sup>30</sup> Zacher, Mark W. “Os pilares em ruína do templo de Vestifália” in ROSENAU, James N.; Czempiel, Ernest-Otto (org). *Governança sem Governo: ordem e transformação na política mundial*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000,. p. 113

<sup>31</sup> ZACHER, Mark W. Op. cit, p. 113

<sup>32</sup> HOBBSAWM, Eric, Op. cit, p.202

<sup>33</sup> Idem, p.210

nacionalidade étnico-linguístico, não é, hoje em dia, uma probabilidade viável”.<sup>34</sup> Ainda segundo Hobsbawm, “somente um bando de fanáticos olharia esse progresso de autodeterminação nacional comunal como algo um pouco melhor do que um *status-quo* intensamente insatisfatório”.<sup>35</sup>

A despeito desta consideração, ainda observam-se, atualmente, diversos conflitos ao redor do mundo. A partir de uma análise do nacionalismo na Europa Ocidental e Oriental contemporânea, Hobsbawm afirma que este se apresenta de dois modos. O primeiro modo de manifestação seria através da xenofobia que é mais observada em países do oeste europeu. O desenvolvimento econômico maior de países desta parte da Europa acaba atraindo imigrantes de diversas partes do globo que saem em busca de melhores condições de vida. Ao chegar no país estrangeiro, acabam por se agrupar e formam mini-comunidades dentro da sociedade. Estes imigrantes, muitas vezes, acabam se comunicando entre si por meio de sua língua materna e, por estarem sempre juntos, acabam não se integrando à nova sociedade. A sociedade receptora sente-se ameaçada, o que, por sua vez, gera um sentimento de aversão a estes imigrantes. Esta insegurança é causada pelo medo de que estas novas práticas de agir social, trazidas pelos imigrantes, desfaçam, aos poucos, os laços culturais já existentes. Por esse motivo, estas sociedades receptoras apegam-se de forma ainda mais forte às suas características nacionais, de modo a diferenciar o “outro”. Segundo Hobsbawm,

*“a força da xenofobia é o medo do desconhecido, das trevas em que podemos cair quando desaparecem os marcos que parecem proporcionar uma delimitação objetiva, permanente e positiva de nosso pertencimento a uma comunidade”.*<sup>36</sup>

Outra forma de nacionalismo notada por Hobsbawm é a que surge nos países do centro e leste da Europa. Com o fim do socialismo, o sentimento nacional floresce fortemente entre as nações que antes pertenciam ao bloco socialista. Isto se explica pelo fato de que a idéia antes disseminada de que a classe trabalhadora deveria subir ao governo acabou sendo “comprada” por diversas pequenas nações que se sentiam

---

<sup>34</sup> Ibidem

<sup>35</sup> Idem, p.163

<sup>36</sup> HOBBSAWM, Eric. “Etnia e Nacionalismo na Europa de hoje” in: BALAKRISHNAN, Gopal (org). *Um Mapa da Questão Nacional* Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p.281

insatisfeitas com os modelos imperiais das quais faziam parte. Aderiram, então, à Revolução socialista e durante um longo período de tempo deixaram os sentimentos nacionais de lado em nome de algo maior, da união da classe. No entanto, a partir do momento que este modelo de governo se desfez, as nações voltaram a dar maior importância aos laços que possuem em comum, como a etnia, língua, cultura. Começam a surgir, desde então, diversos movimentos separatistas, dentre os quais o tchetcheno que será objeto de reflexão do capítulo 2, inconformados com a nova configuração do mapa europeu.

## Capítulo 2

### O povo do Cáucaso e a luta contra a dominação

Como foi mencionado no capítulo anterior, a partir do final da URSS muitas mudanças ocorreram na configuração do mapa europeu. Além destas modificações, passou-se a observar fenômenos separatistas dentro destes novos Estados. Uma destas nações que vem tentando adquirir sua independência é a Tchetchênia. Os tchetchenos habitam a região do Cáucaso, parte sul do território russo, há pelo menos 6.000 anos.<sup>37</sup> Ao norte, a República tchetchena faz fronteira com o *Kray Stavropol*, a leste com a República do Daguestão, a oeste com a Ingushetia e ao sul com o Estado da Geórgia (Anexo V, Figura 5-A). Com uma população estimada de 1,103,686(2002), a República ocupando uma área de 15.000Km<sup>2</sup>.<sup>38</sup> Geograficamente, a Tchetchênia tem um território montanhoso, onde foram descobertas reservas de petróleo. No entanto, o que o torna bastante cobiçado são os gasodutos e oleodutos que cruzam seu território ligando uma grande reserva petrolífera do Mar Cáspio ao restante do país. O conflito entre tchetchenos e russos não é recente, pois os primeiros sempre lutaram contra a dominação russa. De acordo com John Dunlop, “Eles foram incorporados contra sua vontade e por força bruta ao território russo”.<sup>39</sup>

Este conflito é extremamente complexo e cheio de paradoxos. Muito já se escreveu sobre este tema, no entanto, há uma certa dificuldade em se encontrar uma conclusão comum. Para uma melhor compreensão do que ocorre hoje é importante que se faça uma análise histórica da relação entre estes dois povos. Este é o objetivo deste capítulo, trazer à discussão a história da formação da identidade nacional destes povos, ressaltando a luta da etnia, politicamente e militarmente, mais forte para impor-se sobre a outra.

---

<sup>37</sup> DUNLOP, John B. *Russia confronts Chechnya: Roots of a Separatist Conflict*, p.1

<sup>38</sup> Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Chechnya>. Acessado em 20/02/2006.

<sup>39</sup> DUNLOP, John. Op. cit, p.35. “*They were incorporated against their will and by naked force into the Russian territory*”. (minha tradução)

## 2.1 – O início da formação da identidade nacional russa

O Império russo se formou inicialmente em torno do rio Dnieper (Anexo V, Figura 5-B), região hoje ocupada pela Ucrânia, posteriormente estendendo-se por grande parte do continente asiático. Esta expansão nem sempre se deu de forma pacífica, na maioria dos casos os povos menores eram incorporados ao Império por meio do uso da força. Desta forma, o território estendeu-se por boa parte do continente asiático, absorvendo diversas pequenas nações. O aumento da área de domínio imperial começou a ser buscada com mais afinco pelo czar Pedro, o Grande, que liderou o Império de 1682 a 1725.<sup>40</sup> Inspirado em outros impérios, como Inglaterra e França, Pedro I, dedicou seu reinado ao fortalecimento do Império Russo. Durante este período, houve uma grande expansão do território, assim como a construção de uma nova capital, São Petersburgo.<sup>41</sup>

Entretanto, além da expansão territorial, era necessário, até mesmo para que o Império pudesse perecer, que houvesse uma expansão cultural. A primeira a dar-se conta desta necessidade foi Catarina, a Grande. Após a morte de seu marido, Pedro III, Catarina governou o Império Russo de meados do século XVII até o final deste mesmo século. Observava-se naquela época uma grande influência européia nos costumes da aristocracia russa. Grande parte desta camada social falava francês ou inglês em suas reuniões informais. Portanto, antes de cobrir todo o império com uma identidade nacional russa era necessário, inicialmente, cria-la e sedimenta-la. Durante seu reinado, Catarina fundou a Academia Russa, nos moldes da *Académie Française*, em 1783. Em seguida, entre 1789 e 1794, foram publicados o dicionário e a gramática oficial russa.<sup>42</sup>

O fortalecimento da cultura e da língua russa foi favorecido pelo florescimento da literatura, dentre os principais escritores pode-se destacar o poeta Alexander Pushkin. Além do sucesso obtido com os escritores russos, o início do século XIX foi marcado por vitórias militares. A principal delas foi o êxito alcançado sobre o exército de Napoleão, que em 1812 invadiu a Rússia, e acabou sendo empurrado de volta a

---

<sup>40</sup>SETON-WATSON, Hugh. *Nations and States*, p.82

<sup>41</sup> SETON-WATSON, Hugh. Op. cit, p.83

<sup>42</sup> Ibidem

Paris, pelo exército russo. Estes novos acontecimentos majoraram o orgulho russo, consolidando a consciência nacional na classe mais alta da sociedade.<sup>43</sup>

No entanto, ainda era preciso que esta cultura se tornasse homogênea em todo território imperial. Isto foi mais complicado porque, além de ser bastante extenso, o império era formado por pequenas nações que, como foi dito anteriormente, foram conquistadas ao longo dos séculos. Em, 1832 o conde Serguei Uvarov propôs a implementação de três princípios que deveriam guiar o império, eram eles: autocracia, ortodoxia e nacionalidade.<sup>44</sup> A autocracia denotava o poder do czar como único, centralizado e ilimitado, o segundo princípio estava relacionado às normas da Igreja Ortodoxa, o terceiro significava que as diferentes nações teriam suas nacionalidades reconhecidas, porém estas, por fazerem parte do império deviam obediência e lealdade ao imperador. Desta forma, as nacionalidades foram reconhecidas e o critério de união entre os que formavam o Império Russo era a lealdade ao imperador, não se impondo que estas nações se pretendessem russas, o que seria bem mais complicado.

No entanto, ao final do século XIX, surgiu uma nova política de construção da identidade nacional imperial, esta mais repressora. De acordo com Seton-Watson, a atitude, que mais tarde se tornou conhecida como “russificação”, passou a ser seguida sob o reinado do czar Alexander III (1881-1894).<sup>45</sup> De acordo com o novo imperador, todos os povos incorporados ao império deveriam se considerar russos, e deviam lealdade não apenas ao czar, mas à nação russa. A cultura e a língua russa deveriam ser preteridas sobre as locais.<sup>46</sup> Houve, portanto, um processo de nacionalização que partiu de cima para baixo. Os costumes da classe mais alta da sociedade estavam sendo impostos ao restante da população, que era alheia a todas essas práticas sociais. É importante ressaltar que a aristocracia russa compunha menos da metade da população do império, porém era minoria militarmente mais forte, o que fazia uma grande diferença.

---

<sup>43</sup> Idem, p.84

<sup>44</sup> Idem, p.84

<sup>45</sup> Idem, p. 85

<sup>46</sup> Ibidem

## 2.1 - A luta contra a dominação imperial

Foi durante o período czarista que se deu o primeiro contato dos russos com os tchetchenos, sob o reinado de Pedro, o Grande. Durante o processo de expansão anteriormente mencionado, o czar havia obtido sucesso em batalhas ao norte do território, região hoje ocupada pela Finlândia, e decidiu, então, partir para a conquista dos pontos de maior importância no litoral do Mar Cáspio, ao sul do território. Durante o ano no qual se implementava esta conquista, os tchetchenos unidos aos cossacos<sup>47</sup>, revoltaram-se contra o domínio russo. A cavalaria russa foi enviada para dominá-los, no entanto, acabaram sofrendo grandes perdas. Este episódio é considerado por John Dunlop como sendo o primeiro choque direto entre estes dois povos.<sup>48</sup>

O período que se seguiu ao fim do reinado de Pedro I, foi marcado por uma certa inércia em relação à fomentação do poder russo sobre a região caucasiana. Apenas com a vitória contra Napoleão, momento em que florescia o orgulho russo, a conquista do Cáucaso, que havia sido deixada em segundo plano, voltou a ser prioridade na agenda czarista. Em 1816, o czar Alexander I designou o General Aleksei Yermolov para comandar o território da Geórgia, que havia sido conquistado recentemente, assim como toda a região caucasiana.<sup>49</sup> Diante da dificuldade que existia para manter o povo do Cáucaso, principalmente os tchetchenos, subordinado ao Império, Yermolov adotou medidas drásticas para impor o domínio imperial. O primeiro passo dado pelo General foi expulsar os rebeldes que habitavam a base das montanhas, região com melhores condições de vida, para o topo das montanhas.<sup>50</sup> Segundo Yermolov, lá eles deveriam morrer de fome ou de frio. Porém, os tchetchenos resistiram bravamente, e logo outra medida foi adotada, o exílio na Sibéria. Esta foi, portanto, a primeira deportação sofrida pelos tchetchenos.<sup>51</sup> A dureza com a qual Yermolov tratava a questão do Cáucaso foi expressa por suas próprias palavras:

---

<sup>47</sup> *Cossacos (do tártaro Kazak, homem livre), grupo étnico das estepes do sul da Rússia. Povo nômade habitante da região da bacia do rio Don, englobando grande parte do sul da Ucrânia até o Cáucaso, conhecidos pela sua bravura em combate, desde 1380 servia como tropa de choque do império czarista que, em troca lhes respeitava os costumes e a autonomia.*

<sup>48</sup> DUNLOP, John. Op. cit, p.7

<sup>49</sup> Idem, p.13

<sup>50</sup> Idem, p.15

<sup>51</sup> Idem, p.16

*“Eu gostaria que o terror do meu nome guardasse nossas fronteiras melhor que correntes ou fortalezas, que minha palavra fosse para os nativos a lei mais inevitável que a morte. Desdém nos olhos dos asiáticos é sinal de fraqueza e da mais pura humanidade eu sou inexoravelmente severo”.*<sup>52</sup>

O modo rude de agir de Yermolov despertou raiva entre os tchetchenos que passaram a lutar contra o império. No período que vai de 1817 a 1864, houve a chamada Guerra do Cáucaso, que no início foi comandada por Yermolov, até 1827, e posteriormente seguiu sob o comando de outros generais russos. Do lado tchetcheno, também surgiram grandes líderes nesta época, estes foram de fundamental importância para a formação da identidade nacional tchetchena, assim como para a resistência ao domínio imperial. A guerra foi iniciada por uma insurreição liderada por Ghazi Mullah, que queria libertar o povo do Cáucaso do império czarista. Durante alguns anos o líder mulçumano obteve diversos triunfos sobre o exército russo, sempre utilizando uma tática de ataque surpresa. Mullah, juntamente com seus seguidores, conseguiu reunir grande parte do povo das montanhas, até sua morte em uma batalha com o exército russo.<sup>53</sup>

Outro líder bastante especial para os tchetchenos foi Iman Shamil, pupilo de Mullah. Considerado um excepcional líder político e militar, Shamil espalhou a doutrina islâmica dentro da Tchetchênia, proibindo o consumo de bebidas alcoólicas e cigarros, assim como determinando a maneira de se vestir das mulheres. Escolas muçulmanas foram construídas, de modo que a população passou a ter uma educação islâmica. Estas modificações trouxeram uma maior organização do povo tchetcheno, e conseqüentemente acentuou suas diferenças com relação aos russos.<sup>54</sup>

Inicialmente Shamil caminhou para uma solução pacífica, aceitou a soberania russa sobre o território tchetcheno, sob a condição de que a *sharia*, lei sagrada, pudesse

---

<sup>52</sup> apud DUNLOP, GAMMER, Moshe. *Muslim Resistance to the Tsar: Shamil and the Conquest of Chechnya and Daghestan*, London: Frank Cass, 1994. p.14. *“I desire that the terror of my name should guard our frontiers more potently than chains or fortresses, that my word should be for the natives a law more inevitable than the death. Condescension in the eyes of Asiatics is a sign of weakness and out of pure humanity I am inexorably severe”.* (tradução minha)

<sup>53</sup> MARKELOV, N. V. “Where Martial Plunder Prowls the Mountains” in: *Russian Studies in History*, p. 23

<sup>54</sup> DUNLOP, John. Op. cit, p.27

ser implementada na Tchetchênia. Em 1859 Shamil foi capturado e exilado na Sibéria pelos russos, que passaram a governar a região do Cáucaso por meio da força. Esta situação se sustentou até 1877, quando houve uma nova rebelião na Tchetchênia e no Daguestão. Esta insurgência era liderada, no lado tchetcheno, por Ali-Bek Haji. Pouco tempo depois o Império reagiu à rebelião, suprimindo-a. No entanto, este conflito trouxe saldos positivos para os tchetchenos, pois a administração czarista adotou um comportamento mais tolerante em relação aos caucasianos. As escolas e a Igreja Mulçumana passaram a ser toleradas pelo Império, que proibiu que a Igreja Ortodoxa profetizasse no Daguestão e na Tchetchênia.<sup>55</sup>

Desde do reinado de Pedro, o Grande, o império russo passou por duas fases importantes. A primeira de expansão territorial, e a segunda, de fortalecimento do domínio imperial sobre as demais nações. A sedimentação do domínio imperial foi feita a partir da tentativa de se formar um sentimento nacional entre os povos conquistados. Ou seja, de se estender o tecido nacional, confeccionado a partir de costumes da aristocracia, sobre todo o império. No entanto, a organização dos tchetchenos de acordo com o islamismo acabou tornando mais complicada a assimilação da cultura russa. Portanto, a expansão do império russo sobre esta nação e sobre toda região do norte do Cáucaso, desde o início foi bastante conflituosa.

## **2.2 – Socialismo, uma saída para as lutas nacionalistas**

O período que abarca os anos entre 1905 e 1917 foi marcado por grandes mudanças no cenário interno russo. A pobreza nos campos aumentava e as pessoas se mostravam descontentes com o regime czarista. Os protestos, que tomavam conta de todo império, criaram uma situação de descontrole. Diante deste quadro, o czar Nicolas II viu-se obrigado a instituir o parlamento russo (Duma), por meio do Manifesto de Outubro.<sup>56</sup> Entretanto, a criação desta instituição não foi suficiente para acalmar os ânimos da população. Esta insatisfação abriu caminho para a Revolução Russa de 1917, que foi dividida em duas etapas. A primeira se deu com a renúncia por parte do

---

<sup>55</sup> Idem, p.33

<sup>56</sup> SERVICE, Robert. *A History of Modern Russia: from Nicholas II to Vladimir Putin*, p.1

czar, em favor de seu irmão Miguel II, e a criação de um Governo Provisório, em fevereiro deste ano. No entanto, este novo governo, que era apoiado pelo Partido Menchevique<sup>57</sup> acabou não obtendo sucesso, o que levou a uma segunda revolução. Em outubro, o Partido Bolchevique<sup>58</sup>, liderado por Lênin, por meio de uma segunda revolução, assume o governo da Rússia, instaurando o socialismo. O partido bolchevique passa a se chamar Partido Comunista, o único do país.<sup>59</sup>

Durante o período que separa estes dois acontecimentos, Vladimir Ulianov, mais conhecido como Lênin, seguiu publicando diversas obras nas quais ressaltava a importância de um governo socialista, no qual não haveria discriminação religiosa nem nacional, todas as nações estariam unidas sob a égide de um mesmo ideal, que seria alcançar o bem comum por meio do modelo socialista. O povo do norte do Cáucaso viu no socialismo uma oportunidade de unir forças e lutar contra o regime czarista, pois desta forma conseguiriam ter sua nacionalidade reconhecida. Houve, então, a fusão de lutas nacionalistas com o socialismo.

A forma como agiram os líderes do partido comunista foi bastante importante para seu sucesso. A Rússia contava com um número muito grande de pequenas nações. Algumas mais organizadas, como os tchetchenos, vinham lutando para se livrar do domínio do império czarista. O socialismo, por sua vez, pregava a união entre as nações para que se pudesse destituir o czar do poder e fosse possível a criação de um novo Estado. Este seria governado pela classe trabalhadora, no qual as nações existentes teriam uma ampla independência interna. As idéias defendidas pelos socialistas despertaram novas esperanças nas nações que vinham lutando contra a opressão do regime czarista. Desta forma, como afirma Avtorkhanov<sup>60</sup>, “O sonho do povo das montanhas poderia de ter um governo próprio poderia tornar-se realidade”.<sup>61</sup>

Todavia, em 1921, o Partido Comunista começava a dar sinais de que as coisas não seriam assim tão democráticas. Implantou-se a ditadura partidária, segundo a qual era proibida a oposição às idéias do Partido Comunista. Sabiamente, Stalin, que na

---

<sup>57</sup> Menchevique do russo *menshinstvo* que significa minoria, ou seja, era o partido da minoria.

<sup>58</sup> Bolchevique do russo *bolshinstvo* que significa maioria, portanto, partido da maioria.

<sup>59</sup> SERVICE, Robert. Op. cit, p.33

<sup>60</sup> apud Dunlop, AVTORKHANOV, Abdurakhman. “The Chechens and Ingush During the Soviet Period and Its Antecedents” in: Broxup, ed., North Caucasus Barrier, p. 154

<sup>61</sup> Ibidem. “*The dream of the Mountain people might come true and their own independent government become a reality*”. (minha tradução)

época era comissário para nacionalidades do partido comunista, recomendou a criação da “República Soviética das Montanhas” formada pelas seguintes regiões administrativas: Tchetchênia, Ingushetia, Ossétia, Karbada, Balkaria, e Karakhai. Esta nova configuração lhes garantia uma maior autonomia dentro do novo Estado socialista russo.<sup>62</sup> Garantia ainda que o idioma falado dentro da república seria o árabe, de modo que o alcorão não precisaria ser traduzido e as escolas funcionariam com este mesmo idioma.

Com o tempo, o governo comunista começou a demonstrar que a autonomia antes prometida não seria assim em um grau muito alto. Para se manter um regime comunista é necessário o domínio completo de toda a população, de modo que se possa eliminar possíveis oposições ao governo. As verdadeiras intenções do partido comunista começaram a aparecer um ano após a reorganização feita por Stalin.<sup>63</sup> Os comunistas não haviam esquecido das diversas tentativas de separação que haviam sido levadas contra o antigo império. Preocupados com uma possível revolução por parte dos tchetchenos, a estratégia seguida pelos comunistas foi o que Dunlop chama de “divide and rule”.<sup>64</sup> Em 1922, a República Soviética das Montanhas, que havia sido criada pelo próprio Stalin há apenas um ano, foi dissolvida, a Tchetchênia passou a ser formalmente reconhecida como Região Autônoma Tchetchena. As demais Repúblicas passaram a formar o Território do Norte do Cáucaso. Uma vez separada, uma força foi enviada à Tchetchênia para a população fosse desarmada. Este movimento, segundo o autor supracitado, foi:

*“profundamente sentido pela população do Cáucaso, que viram isto como uma preparação para vindouras repressões e como uma tentativa de priva-los dos direitos garantidos pela Constituição de Shariat, a qual Stalin e o governo soviético haviam recentemente aceitado”.*<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> Idem, p.42

<sup>63</sup> DUNLOP, John. Op. cit, p.43

<sup>64</sup> Ibidem. “dividir e governar”.

<sup>65</sup> Idem, p.44. “*Deeply resented by the Chechen populace, who saw it as a preparation for forthcoming repressions and as an attempt to deprive them of rights guaranteed by the shariat constitution, to which Stalin and the Soviet government had just agreed*”. (minha tradução)

Em 1934, já com Stalin na presidência do partido comunista, decidiu-se unir a Região Autônoma da Tchetchênia com a Região Autônoma da Ingushetia. Deste modo, formou-se a “RSSA da Tchetchênia e Ingushetia”, (República Socialista Soviética Autônoma), que ainda fazia parte da Rússia. Com a união destas duas nacionalidades, os comunistas queriam torná-los vulneráveis ao processo de russificação, pois a união destas regiões foi feita com alterações das fronteiras de ambas, e portanto, com alteração na composição da população, havendo uma mistura maior de etnias. A cidade autônoma de Grozny foi incluída, trazendo consigo uma população composta por 70% de russos e o restante dividido entre tchetchenos e ingushes. Isto fez com que a “nova” república abrangesse povos de outras nacionalidades, tornando-os mais eslavos. “A razão para esta ação era, claramente, diluir o peso étnico dos tchetchenos e ingushes”.<sup>66</sup> Em 1938, partido comunista “aconselhou” o povo do norte do Cáucaso de que deveriam passar a utilizar o alfabeto cirílico. No ano seguinte, o governo soviético tornou obrigatório o estudo do russo como segunda língua em todas as escolas da União Soviética.

Com o passar do tempo, as relações entre a liderança do Partido Comunista e o povo do Cáucaso complicaram-se ainda mais. Em 1944, acusados de colaborar com os alemães, cooperação esta que, segundo Dunlop, nunca foi confirmada, os tchetchenos foram deportados de seu território, no Cáucaso, a acampamentos no Cazaquistão e no Quirguistão. O transporte em massa dos tchetchenos e ingushes foi feito por meio de trens em péssimas condições. Muitos morreram no caminho de fome ou de doenças. Ao chegar em seus destinos finais encontraram condições extremamente severas. Eram confinados aos locais de acampamento, não podendo ultrapassar um raio de 3 quilômetros. Para controlar sua permanência, o governo exigia que fosse feito um “registro de habitação” mensal. Ou seja, todo mês os tchetchenos deveriam indicar ao Ministério do Interior onde estavam morando, dado que era comprovado pelos moradores locais que deveriam atestar a veracidade de tal registro.<sup>67</sup>

Dois anos depois, em 25 de Junho de 1946, a República da Tchetchênia e Ingushetia deixou de existir, sendo substituída pela Região Autônoma de Grozny

---

<sup>66</sup> Idem, p.47

<sup>67</sup> Idem, p.61

(*Groznenskaya*). Esta região teve suas fronteiras redesenhadas, de modo que um número ainda maior de eslavos passou a compor sua população. Os distritos abarcados pela Região foram renomeados, os nomes árabes foram substituídos por russos. Uma outra parte da ex-República passou a integrar o território da Geórgia.<sup>68</sup>

Após a morte de Stalin, em 1954, os tchetchenos começaram a demonstrar interesse em voltar à sua terra natal. Ilegalmente, muitos se aventuraram na volta para o antigo território. Diante desta realidade, o Conselho de Ministros do Partido Comunista tentou coibir o fluxo, propondo a criação de uma República Autônoma nos locais onde os tchetchenos estavam assentados, ou seja, dentro do território do Cazaquistão e do Quirguistão. Vendo que a proposta havia sido ignorada, e na falta de outra opção, o Conselho, já no governo de Nikita Khrushchev, resolveu reconhecer o erro que havia sido cometido no passado e em novembro de 1956 a República da Tchetchênia e Ingushetia foi restabelecida. A volta ao antigo território passou a ser permitida, desde que esta se desse de forma organizada, entre 1957-60. Outra exigência do governo era a de que, ao retornarem, os tchetchenos não deveriam brigar por suas casas que haviam sido confiscadas anteriormente.

O retorno foi bastante conflituoso, pois muitos não se conformaram em ver seu território ocupado por outros povos. Para amenizar a situação, sucessor de Krushchev, Breznev (1964-82) tentou celebrar a reunificação voluntária dos tchetchenos com os russos.<sup>69</sup> O período que abarcou os governos de Breznev e Gorbachev foi marcado por um crescimento econômico da República. No entanto, este desenvolvimento se deu de forma desigual, afastando ainda mais russos e tchetchenos. O maior avanço ocorreu com a extração de petróleo, dominada pela parte russa da população. Já os tchetchenos concentraram-se em atividades como a agricultura em pequenas propriedades. O desemprego e, conseqüentemente, a pobreza, aumentou para esta parte da população. Além de contarem com as mais altas taxas de natalidade e mortalidade do país, os tchetchenos não conseguiam participar, ou se beneficiar do crescimento econômico que se dava com base nas riquezas naturais de seu território. Segundo Dunlop, era possível

---

<sup>68</sup> Ibidem

<sup>69</sup> Idem, p.82

detectar o preconceito que os russos tinham sobre os tchetchenos, pois preferiam trazer pessoas de outras partes do país a contratá-los na indústria petrolífera.<sup>70</sup>

Como se pode observar o período de governo socialista foi ainda mais marcante no tocante à dominação russa, principalmente durante o governo de Stalin. Percebendo a diversidade cultural existente na Rússia, Stalin logo identificou que a busca por uma homogeneização cultural era algo de extrema importância para o sucesso de um governo socialista. A crise entre tchetchenos e russos voltou a tomar força com o desmoronamento da URSS, pois esta nova configuração política trouxe novas esperanças. Liderados por Dzhokhar Dudayev, um ex-comandante da Força Aérea Soviética da divisão de Tartu, na Estônia,<sup>71</sup> os tchetchenos voltaram a lutar pela independência.

### **2.3 – O fim da União Soviética: uma nova esperança**

Como em toda mudança de regime, o processo de transição entre um governo e outro gera um certo vazio ideológico. Isto se deve ao fato de que o novo sistema ainda não está bem estruturado, ou seja, ainda não disse ao que veio, o que acaba gerando incertezas. Aproveitando este momento e inspirado nos movimentos de independência de outras Repúblicas, especialmente da Estônia, Dudayev declarou a independência da República Tchetchena.

Uma Primeira Assembléia Nacional foi formada em Novembro de 1990. Deste modo, os líderes do movimento separatista resolveriam as questões em nome do povo tchetcheno. Apesar de não ser oficialmente reconhecida pelo governo russo, esta Assembléia, que mais tarde passou a ser denominada de “Congresso” continuou a deliberar. Dudayev foi, então, eleito para o comitê executivo. Neste mesmo ano, a autoridade governamental russa local, a Corte Suprema da República Autônoma da Tchetchênia e Ingushetia, expediu uma Declaração de Soberania. Isto significava que o povo da República teria autonomia para decidir se adotariam ou não medidas tomadas pelo Kremlin. Era uma espécie de documento que dava uma maior liberdade aos

---

<sup>70</sup> Idem, p.87

<sup>71</sup> STAZYS, Knezy e SEDLICKAS, Romanas. *The war in Chechnya*, p.17

tchetchenos. Aproveitando tal declaração, os tchetchenos decidiram não participar de nenhum *referendum*, realizado em 1991, ou de quaisquer atos do governo russo, o que demonstrou a discordância dos tchetchenos com o governo russo. Desde então, por terem interesses diferentes, pois estavam mais alinhados aos russos, os ingushes separaram-se dos tchetchenos. Em julho de 1991, o Congresso Nacional tchetcheno proclamou a independência da República da Tchetchênia de Ichkeria. Uma eleição presidencial foi realizada e Dudayev foi eleito presidente.

No entanto, um dia após a Declaração de Independência, o parlamento russo não a reconheceu e declarou que a eleição presidencial era inválida. O governo russo não poderia aceitar a separação da Tchetchênia, pois acreditava que outras repúblicas, pertencentes ao território russo, e não à União Soviética diretamente, também demandariam o mesmo.<sup>72</sup> Havia ainda outra questão, de cunho econômico, que tornava a aceitação russa ainda mais difícil. Temia-se que os tchetchenos tomassem conta dos gasodutos e oleodutos que cruzavam seu território.

*“Uma vez independente, a Tchetchênia ganharia exclusividade sobre as riquezas minerais sob seu solo. Os Tchetchenos tomariam da Rússia o controle dos gasodutos e oleodutos existentes assim como da maior refinaria de petróleo do Cáucaso”.*<sup>73</sup>

De acordo com James Hughes, neste período entre a declaração de independência e o início da primeira guerra da Tchetchênia, houve três tentativas por parte do governo russo de fazer um acordo interno, por meio do qual fosse possível chegar a um ponto comum. Nenhuma das tentativas logrou sucesso, pois sempre se chegava ao mesmo ponto de conflito: a Tchetchênia demandava independência e a Rússia demandava que a Tchetchênia continuasse sob sua soberania.<sup>74</sup>

Esgotadas as negociações, Boris Yeltsin decidiu resolver o conflito por meio da força. Em dezembro de 1994, as tropas russas invadiram Grozny, a capital tchetchena. O que os russos não esperavam era que os tchetchenos estivessem tão bem preparados para este confronto. A guerra se estendeu por quase dois anos e neste período as forças

---

<sup>72</sup> STAZYS, Knezys e SEDLICKAS, Romanas. Op. cit, p.26.

<sup>73</sup> Idem, p.27 *“Once Chechnya became independent, it would gain exclusivity as to the mineral wealth beneath its soil. The Chechens had taken over control from Russia of the existing gas and oil pipelines crossing its territory and the largest oil refinery in the Caucasus”.* (minha tradução)

<sup>74</sup> HUGHES, James. “The peace process in Chechnya” in: *Chechnya: from past to future*, p.279

armadas russas que atuavam na região, perderam um número muito grande de soldados. Isto começou a gerar uma certa desconfiança por parte da população russa com relação à decisão de Yeltsin. Como as eleições presidenciais se aproximavam, e Yeltsin não queria carregar o fardo de uma derrota na guerra contra os tchetchenos, este se viu obrigado a fazer concessões.

Um acordo foi alcançado em agosto de 1996. Dudayev havia sido assassinado pelas tropas russas e Maskhadov, que havia sido seu braço direito na luta pela separação, o substituiu e negociou com os russos o Acordo de Khasavyurt (Anexo I – A e B), cidade onde o pacto foi realizado. Este ajuste determinava que as questões conflituosas, entre tchetchenos e russos, deveriam ser decididas até o final de 2001. Durante este período, as relações entre estes dois povos seriam regidas pelo Direito Internacional. Segundo Hughes, isto gerou uma ambigüidade, pois a intervenção da sociedade internacional no conflito não era esperada de forma alguma pelos russos, mesmo que fossem cometidos crimes contra os direitos humanos.<sup>75</sup> O Acordo previa ainda que uma comissão composta por representantes do governo russo e da República tchetchena seria formada com a finalidade de fiscalizar o cumprimento do que estava sendo acordado.

No ano seguinte, em janeiro de 1997, Maskhadov foi eleito presidente da República tchetchena. As eleições foram reconhecidas pelo governo russo, assim como por entidades internacionais. Neste mesmo ano, um outro Tratado de Paz (Anexo II) foi assinado por ambos os presidentes propondo uma relação pacífica entre os dois povos. No entanto, questões relacionadas à soberania, não foram tratadas. O status de Maskhadov internacionalmente não passou a ser a de um chefe de Estado, pois apesar destas negociações, a Tchetchênia continuava como parte integrante da Federação russa.

Nos anos seguintes, os acordos mostraram-se cada vez mais ineficazes. De um lado, o governo russo não cumpriu com o que havia prometido, ou seja, não prestou ajuda financeira à reestruturação da Tchetchênia. Por outro lado, o governo tchetcheno não conseguiu combater a onda de crimes que tomaram conta da República. Os índices de violência aumentavam cada vez mais. Liderados por Basayev, os opositores ao

---

<sup>75</sup> HUGHES, James. Op. cit, p.280

governo Maskhadov, que eram contra o Acordo de Paz, começaram a utilizar o crime e o terrorismo como forma de protesto. Ao invés de aproveitar o período de paz, os tchetchenos mergulharam em um período de caos. O fracasso da tentativa de paz negociada por Maskhadov levou-o a uma situação de confusão.<sup>76</sup>

De acordo com Delurgian, em 1999, a Tchetchênia estava em uma situação de guerra.<sup>77</sup> Inspirado em Iman Shamil, Basayev invadiu a República do Daguestão com intuito de espalhar a sua luta pela separação em nome do islamismo. No entanto, não foi bem recebido e acabou sendo forçado a se retirar do território vizinho. Neste mesmo ano, Basayev assumiu a autoria de diversas explosões ocorridas em blocos de apartamentos no Daguestão, em Moscou e em outras cidades russas. Estes atentados trouxeram indignação à população russa. Em 1999, o exército russo invadiu, pela segunda vez, o território checheno. Já, em 1999, quando era primeiro-ministro, Vladimir Putin demonstrava que preferia resolver o conflito por meio da coerção e não da negociação. Esta ação o elevou nas pesquisas de opinião, ganhando a confiança da sociedade russa, que o elegeu presidente em 2000.

É interessante notar como a opinião pública russa mudou quanto ao método que deveria ser utilizado pelo governo. Na primeira guerra da Tchetchênia, os russos foram a favor da retirada das tropas russas, pois viram que este tipo de atuação além de não chegar a uma situação de paz, tirou a vida de milhares de soldados russos. Já na segunda incursão russa no território tchetcheno, a opinião pública havia mudado completamente. Assustada com a onda de atentados terrorista que vinham ocorrendo, a população russa logo passou a apoiar uma ação mais dura por parte do governo com o intuito de controlar os separatistas tchetchenos. Nota-se inclusive que Putin deve grande parte dos sufrágios que recebeu ao modo como conduziu, de forma coercitiva, a ocupação do território desta república do Cáucaso. A operação naquela ocasião não foi mais de reintegração do território como foi em 1994, mas sim uma intervenção de combate ao terrorismo.

No entanto, este método tem se mostrado cada vez menos eficiente, visto que pouco se tem alcançado em termos de uma solução que promova a paz e a segurança

---

<sup>76</sup> DELURGUIAN, Georgi. Op. cit, p.22

<sup>77</sup> Ibidem

para ambos os lados. Em 2002, os separatistas tchetchenos invadiram um teatro na capital Moscou e mantiveram cerca de 700 pessoas como reféns. Em troca, eles queriam que as tropas russas fossem retiradas da Tchetchênia. A tropa russa invadiu o teatro com o intuito de resgatar os reféns. Todavia, este episódio acabou com a morte de 115 reféns e algumas dezenas de terroristas tchetchenos. Os atentados terroristas liderados por Basayev continuaram ocorrendo na Rússia.

Além do contingente militar que ocupa a Tchetchênia, outra estratégia adotada por Putin, foi conseguir colocar na presidência da Tchetchênia alguém que fosse pró-Moscou. De acordo com Hughes, o kremlin recorreu à fraude na eleição presidencial tchetchena de 2003, e colocou Akhmad Kadyrov no poder.<sup>78</sup> Um referendun aprovou uma nova constituição que dava à Tchetchênia maior independência, mas ainda a mantinha como parte integrante do território russo. Porém, um ano depois, em maio de 2004, Kadyrov foi assassinado em um atentado terrorista, quando assistia a uma partida de futebol, o grupo de Basayev assumiu a autoria do atentado. Em setembro deste mesmo ano, os terroristas tchetchenos invadiram uma escola na cidade de Beslan, na província da Ossétia do Norte. Na ocasião mais de mil pessoas foram feitas reféns. Ao final 330 pessoas morreram, sendo 155 crianças. Este atentado, deve ter ocorrido em protesto às eleições presidenciais que elegeu o candidato pró-Moscou, Alu Alkhanov, substituindo Kadyrov.

O conflito segue sem que se tenha alcançado grandes progressos em termos de um acordo de paz. Os separatistas tchetchenos continuaram utilizando-se do terrorismo, como fizeram em 2002, no teatro Dubrovka, ou na escola secundária de Beslan. Em resposta, o governo russo aumentou as represálias na cidade de Grozny. Diversas entidades internacionais denunciaram a prática de crimes contra os direitos humanos cometidos pelo exército russo no território tchetcheno. No entanto, o governo segue a sua linha de atuação, segundo o Kremlin, este é um problema doméstico, ao qual não podem ser admitidas interferências externas. O governo baseia sua atuação, na luta contra o terrorismo, que tem tomado força internacionalmente desde os atentados de 11 de setembro. O que, de uma certa forma, diminuiu a pressão internacional sobre a forma como o governo russo tem agido para resolver o conflito.

---

<sup>78</sup> HUGHES, John. Op. cit, p.284

## Capítulo 3

### Nacionalismos na Rússia a partir da década de 90

Este capítulo pretende fazer algumas análises dos motivos que levaram ao surgimento do conflito, a partir da perspectiva das teorias, já abordadas, sobre o nacionalismo. Certamente, este seria um ponto importantíssimo no estudo de qualquer conflito, ou seja, entender suas principais motivações. Em segundo plano, há algumas considerações importantes quanto à dinâmica do embate entre estas duas nações. Estas devem ser trazidas à discussão para que se possa entender o motivo pelo qual tem-se tornado cada vez mais complicado encontrar uma solução satisfatória para os dois lados. Por fim, como fechamento, será conveniente trazer algumas possíveis perspectivas de pesquisadores da área acerca da resolução do conflito.

#### 3.1 – A volta ao nacionalismo

O desmoronamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas redesenhou o mapa do leste europeu. Com o fim do comunismo, os países que antes faziam parte da URSS tornaram-se independentes e têm tentado fortalecer suas próprias identidades nacionais. A grande maioria deles, principalmente os do leste europeu, têm adotado seus idiomas nacionais, assim como outros símbolos para fomentar os laços nacionais. A Rússia, particularmente, tem sofrido para manter seu território unido. Por ser um Estado multinacional (Anexo IV, Figura 4-A), os laços que unem os cidadãos russos tem se mostrado muito fino, inclusive com possibilidades de rompimento, como mostra o conflito com os tchetchenos. O fim do comunismo tornou estes interstícios ainda maiores.

O conflito com a Tchetchênia, que tomou conta das manchetes internacionais a partir do início da década de 90 representa uma volta à ideologia nacionalista, como uma esperança para a independência. Como afirma George Derluguian, “O repentino

colapso do comunismo espalhou esperanças ao longo de todo o bloco soviético, incluindo a própria Rússia”.<sup>79</sup> Na Rússia, o final do comunismo trouxe à tona as dificuldades que já existiam na época czarista, ou seja, a dificuldade em se encontrar uma identidade nacional, ou pelo menos, uma convivência pacífica entre todos os povos que haviam sido conquistados.

Nos termos da definição de Benedict Anderson, pode-se afirmar que a Federação Russa não é uma nação. Talvez até haja no imaginário da população a idéia de que existem “outros” convivendo dentro deste território delimitado politicamente e geograficamente. Mas são “outros” e não “iguais”, portanto, não se pode afirmar que há um companheirismo “profundo e horizontal” entre todos os habitantes deste imenso território, pois todos não se imaginam russos. Pelo contrário, a própria Rússia define-se como um Estado formado por diversas nações, como afirma a constituição russa em seu preâmbulo. O que é compartilhado por todos é a cidadania, todos que lá nascem são cidadãos russos, mas podem ser nacionais tchetchenos, russos, ingushes, dependendo da nacionalidade de seus pais. Trata-se, pois, de um nacionalismo estritamente político.

Destarte, a teoria de acordo com a qual melhor se consegue entender a Federação Russa é a de Partha Chatterjee, já abordada no capítulo inicial do presente trabalho, que ao estudar o sistema indiano com mais afinco identificou dois tipos de nacionalismos dentro de um mesmo Estado. O nacionalismo exterior, ligado ao aparato governamental, às instituições que governam, e o nacionalismo interior, relacionado à identidade nacional de cada nação que convive dentro do território. No caso da Rússia, há esta separação explícita se considerarmos que o nacionalismo exterior é expresso por meio da cidadania, e o interior seria o inerente aos valores de cada nação existente dentro do território russo. Para que haja uma harmonia dentro de Estados como estes é necessário, logicamente, que haja também harmonia entre os nacionalismos existentes. Quando há choque de interesses, há o conflito, como vem ocorrendo na Rússia.

---

<sup>79</sup> DELURGUIAN, Georgi, “Introduction” in: POLITKOVSKAYA, Anna. *A Small corner from hell: Dispatches from Chechnya*. Chicago: University of Chicago Press, 2003. p.17  
“The sudden collapse of communist rule bred hopes across the entire Soviet bloc, including within Russia itself.” (minha tradução)

De acordo com Moshe Gammer, esta volta ao nacionalismo deu-se pelo vácuo ideológico deixado pelo fim do comunismo.<sup>80</sup> Segundo Gammer, este vácuo ocorreu pelo fato de que os processos de criação da identidade nacional dentro destes novos Estados, principalmente a Rússia, estavam incompletos. A expansão da cultura russa sobre todo império russo não havia obtido sucesso na época da Revolução Russa. Posteriormente, a tentativa de se criar uma nação soviética também foi interrompida antes que se atingisse um grau elevado de unidade nacional. O exemplo da Tchetchênia mostra que a Rússia durante o comunismo estava longe de ser uma nação homogênea em termos de valores culturais de um povo, principalmente durante o governo de Stalin, que redistribuiu as variadas nações dentro do território para que se pudesse misturar as diferentes etnias, desfazendo os laços que anteriormente uniam os nacionais de determinada nação. Porém, esta política não se mostrou efetiva no caso dos tchetchenos. Pelo contrário, gerou ressentimentos que hoje são utilizados para uni-los contra o domínio russo. Ou seja, Gammer argumenta que desde o período de expansão do império russo, com Pedro, o Grande, os processos de criação de uma identidade nacional, ou de homogeneização cultural dentro do território, nunca foram concluídos e, por isso, o nacionalismo surge agora como argumento para a separação.

Para autores como V. A. Tishkov, a essência do conflito está não apenas no sentimento de nacionalismo que brotou a partir do fim da União Soviética, mas no que forma a identidade nacional tchetchena.<sup>81</sup> De acordo com este autor, a consciência nacional tchetchena sofreu grande influência de obras literárias, como o romance de Liev Tolstói, *Hadji Murat*, no qual, o personagem principal, um guerreiro tchetcheno rebelde dotado de uma alma indomável luta ferozmente para ter liberdade. Esta e outras obras que exaltam a característica guerreira do povo tchetcheno, fortaleceram ainda mais o imaginário nacional. Outro mito também incorporado à cultura tchetchena diz respeito à antiguidade desta nação. De acordo com pesquisas lingüísticas e históricas realizadas em Moscou e São Petersburgo, há a hipótese de que a Tchetchênia seja a mais antiga nação do Cáucaso, o que seria um forte pressuposto para a liberdade.

---

<sup>80</sup> GAMMER, Moshe. "Nationalism and History: rewriting the Chechen national past" in: *Secession, History and Social Sciences*, Brussels: Brussels University Press, 2002. p.117

<sup>81</sup> TISHKOV, V. A. "Dynamics of a Society at War" in: SAKWA, Richard (org). *Chechnya: from past to future*. London: Anthen Press, 2005. p.164

Ainda de acordo com Tishkov, apesar das diferenças culturais, religiosas, e sociais existentes entre russos e tchetchenos, há também bastante semelhança entre estes dois povos. Segundo o autor, existem mais semelhanças entre um professor universitário em Moscou e um tchetcheno com ocupação equivalente, do que entre este último professor e um separatista tchetcheno. Isto é o que costuma ocorrer em sociedades que vivem em conflito, acabam tornando-se divididas, ou seja, a unidade nacional tchetchena também está por vir.

Este ponto tocado por Tishkov é de grande relevância, pois traz à reflexão as mudanças que ocorreram na própria sociedade tchetchena desde o início do conflito, em 1994. Seguramente, as opiniões sobre uma possível separação sejam divididas dentro desta sociedade. Acredita-se que boa parte da população só deseja viver em uma sociedade onde haja bem-estar social. Esta divisão é demonstrada claramente na assinatura do Acordo de Khasavyurt, quando o Presidente Maskhadov assinou um acordo de paz, reconhecendo a soberania russa sobre o território tchetcheno. Parte da população o apoiou neste plano de paz, e outra parte revoltou-se. Esta divisão dentro da sociedade torna a solução para o conflito ainda mais difícil, principalmente se levarmos em consideração a forma como os separatistas radicais começaram a agir.

Deste modo, faz-se necessária a análise da forma como o conflito desenvolveu-se para que se possa chegar às prováveis perspectivas.

### **3.2 – O desenvolvimento do conflito**

Ao final de 1991, Dudayev proclamou a independência tchetchena. No entanto, este episódio é cheio de contra-sensos, o primeiro deles é que Dudayev, que nunca havia vivido na Tchetchênia, que inclusive nem o idioma tchetcheno dominava, tenha lutado para a libertação deste território. Outro paradoxo reside no fato de que, como aponta Tom de Wall, apesar de declarada a independência, a relação entre a Tchetchênia e a Rússia continuavam existindo.

*“Suas fronteiras continuaram abertas para o resto do Norte do Cáucaso, petróleo e gás continuaram saindo e entrando da República, vôos de e para o aeroporto de Grozny para o restante da Rússia continuaram sendo operados, pensões eram pagas*

*pelo governo russo, a moeda, naturalmente, era o rublo e o time de futebol Terek Grozny continuou jogando na liga russa (Tradução minha)*.<sup>82</sup>

De acordo com este autor tratava-se muito mais de uma questão de como e quando a Tchetchênia voltaria a fazer parte da Rússia do que se isso de fato ocorreria. No início do conflito o governo russo no início parecia inclinado a este pensamento, pois simplesmente ignorou a independência tchetchena nos primeiros anos. Yeltsin mostrava-se contra uma intervenção armada, como mostra seu discurso: “se nós usássemos a força contra a Tchetchênia, todo o Cáucaso se levantaria e haveria tanto tumulto e derramamento de sangue que ninguém nunca nos perdoaria (minha tradução)”.<sup>83</sup> O contraditório é que apenas quatro meses depois, em dezembro de 1994, o exército russo invadia Grozny.

Com a missão de reintegrar a Tchetchênia à Rússia e deter os separatistas, que de acordo com os russos eram os culpados pelo conflito, o exército russo foi enviado. É importante ressaltar que se os russos faziam questão que a Tchetchênia continuasse fazendo parte de seu território isto implicava no reconhecimento do povo tchetcheno como cidadãos russos. Ou seja, não apenas o território seria reincorporado, mas a população também, que deveria ser considerada de cidadania russa, e portanto, deveria ser protegida pelo exército russo. Porém não foi isto que ocorreu com a operação russa. Diversos relatos de jornalistas que estiveram na região na época da primeira guerra da Tchetchênia mostram a brutalidade e a violência utilizada pelo exército russo. De acordo com Wall, estima-se que 4000 explosões por hora ocorriam em Grozny, enquanto que em Sarajevo as explosões eram da ordem de 3500 por dia.<sup>84</sup>

Além das explosões que destruíram Grozny e as cidades vizinhas, uma grande onda de violência era praticada contra civis tchetchenos, que tiveram suas residências invadidas pelos soldados russos, seus pertences roubados, muitos foram mortos em

---

<sup>82</sup> WALL, Tom de. “Chechnya: the breaking point” in: SAKWA, Richard (org). *Chechnya: from past to future*. London: Anthen Press, 2005. p.184 “*Its borders to the rest of the North Caucasus remained freely open, gas and oil flowed in and out of the republic, flights to and from Grozny airport to the rest of the Russia, pensions were paid out of the Russian budget, the currency naturally was the rouble and the Terek Grozny football team continued to play in the Russian league*”.

<sup>83</sup> WALL, Tom de. Op. cit, p. 188. “*were we to apply pressure of force against Chechnya, the whole Caucasus would rise up and there would be such a turmoil and blood that no one would ever forgive us.*”

<sup>84</sup> Idem, p.182

frente a seus parentes e outros levados ao desaparecimento. De modo que, torna-se difícil ver a intervenção armada russa como uma continuação de uma política de reintegração. Segundo relatos, os tchetchenos eram considerados, pelos soldados russos como os “outros”, e não como parte de sua nação. Relatos de estupros, agressões físicas e roubos praticados pelos soldados russos são comuns em livros que abordam as operações russas no Cáucaso.<sup>85</sup>

Esta foi a primeira solução adotada pelos russos após a instauração do novo regime democrático. No entanto, não diferia muito da que foi adotada pelo governo czarista e pelo comunismo: a submissão forçada dos povos conquistados. Certamente, a primeira guerra tchetchena deixou cicatrizes bastante profundas na população. Muitos, movidos por estas feridas, se juntaram a Basayev e passaram a lutar contra o Acordo de Khasavyurt. Para estes, seria inadmissível aceitar a paz depois de tudo que haviam passado. O meio que passaram a utilizar para levar à frente a luta pela independência foi da guerrilha e do terrorismo, deixando Grozny em completo descontrole.

Os eventos seguintes, ou seja, as explosões que ocorreram no Daguestão e em Moscou, mais tarde os seqüestros e atentados terroristas praticados pelos separatistas tchetchenos trouxeram grande insegurança para a população russa. Estas ações puseram em dúvida a capacidade dos tchetchenos de viverem em paz caso se tornassem um Estado independente. Havia a desconfiança de que uma vez alcançada a independência, os tchetchenos continuariam lutando para dominar outras regiões do Cáucaso. E esta passou a ser a justificativa do próprio governo russo, já em 1999, para intervir no território novamente, e agora com total apoio da população russa, provocando a segunda guerra tchetchena. Novamente, muito pouco foi alcançado em termos de paz desde que as tropas russas voltaram a ocupar o território tchetcheno. Pelo contrário, as mesmas atrocidades contra civis voltaram a ser praticadas pelos soldados russos.

Para alguns pesquisadores, como Richard Sakwa, o momento decisivo na questão tchetchena foi período logo após a retirada das tropas russas, em 1996. A falta

---

<sup>85</sup> POLITKOVSKAYA, Anna. *A Small corner from hell: Dispatches from Chechnya*. Neste livro a jornalista relata diversos casos de violação de direitos humanos ocorridos nas duas guerras da Tchetchênia.

de habilidade para controlar os rebeldes tchetchenos demonstrada por Maskhadov logo após a assinatura do Acordo de Khasavyurt, explicitou a desorganização desta República para levar a frente um processo de independência. Segundo este autor, “A Tchetchênia tinha um projeto nacional muito poderoso e específico; mas não tiveram projeto político compatível, e aí está o núcleo da tragédia tchetchena”.<sup>86</sup>

Já de acordo com Tom de Wall, o conflito poderia nem ter existido, se desde a época em que Dudayev declarou independência as coisas houvessem sido negociadas de forma adequada. “A disputa foi em alto grau um choque de duas personalidades; ambas extremamente orgulhosas, impulsivas e desinteressadas em um compromisso”.<sup>87</sup> Este foi o primeiro momento onde poderia ter-se evitado o derramamento de sangue que ocorreu posteriormente. Na falta de uma negociação pacífica, os fatos que se deram em seguida tiveram como consequência o aumento do abismo que separava os tchetchenos dos russos. Tanto os crimes contra direitos humanos cometidos pelos soldados russos na primeira ocupação, como os atentados terroristas perpetrados pelos separatistas tchetchenos só aumentaram o ódio entre estes dois povos.

De fato, a forma como o conflito foi se desenrolando, desde a proclamação da independência tchetchena, contribuiu ainda mais para o aumento do abismo que separa estes dois povos. A violência utilizada como modo de resolução de conflito mostrou-se não apenas ineficaz, mas passou a ser um catalisador do ódio entre estes dois povos, o que tornou a convivência pacífica cada vez mais difícil, uma vez que feridas profundas foram sendo provocadas em ambos os lados. Certamente, se as negociações tivessem sido lideradas de modo mais cauteloso desde o início, talvez não tivessem tomado este rumo.

### 3.3 - Expectativas

Como fechamento é interessante trazer algumas propostas apontadas por especialistas da área para a resolução do conflito. A primeira a ser aqui apresentada é a

---

<sup>86</sup> SAKWA, Richard. “Introduction: why chechnya?” in *Chechnya: from past to future*. “Chechnya had a very specific and powerful national project; it did not have a commensurate political project, and therein lies the core of the Chechen tragedy”.

<sup>87</sup> WALL, Tom de. Op. cit, p.187. ”:“The dispute was to large degree the clash of two personalities; both were extremely proud, impulsive and disinclined to compromise.”

de Tishkov, que em reunião com o Presidente Vladimir Putin tomou algumas notas do que seria um plano de propostas para a reconstrução pós-conflito. Segundo o autor, este seria um objetivo de longo prazo e dependeria em larga escala da vontade de ambos os lados em colaborarem.

O primeiro passo, que segundo Tishkov deveria ser adotado, diz respeito à questão de uma completa independência da Federação Russa, que segundo ele seria impossível de ser alcançada. No entanto, a Tchetchênia poderia alcançar uma autodeterminação dentro da Rússia, com uma larga margem de autonomia e um alto grau de liberdade para governar.<sup>88</sup> Outro ponto essencial, seria que o resto da população russa ajudasse no tocante a reestruturação, por meio de profissionais voluntários, isto seria uma forma de cicatrizar as feridas sociais e pagar pelos erros cometidos no passado.<sup>89</sup> O trabalho no sentido de uma reconstrução cultural e social tchetchena, dando uma importância maior à cultura local<sup>90</sup>, assim como a criação de uma rede de televisão tchetchena com transmissão nacional,<sup>91</sup> também seriam de fundamental importância para o crescimento da auto-estima local.

No que concerne à formulação de políticas públicas, estas deveriam ter participação total dos tchetchenos, ou seja, deveria, ser-lhes dada a liberdade de escolherem o melhor caminho a ser seguido. Já no que se refere aos crimes cometidos pelos soldados russos, estes devem ser apurados e as devidas punições devem ser aplicadas, regras mais rígidas devem ser formuladas para o comportamento dos soldados durante as operações.<sup>92</sup> Os rebeldes tchetchenos também devem ser investigados e julgados. Os que estiverem contra esta reestruturação devem deixar o país, perdendo sua cidadania e sendo impedidos de ingressar na Federação Russa novamente.<sup>93</sup> Segundo o autor, deve-se coibir quaisquer ativistas políticos que instiguem a continuação do conflito. Um filtro das ajudas internacionais devem ser feito e uma maior comunicação por parte do Estado russo deve ser feita, de modo que se possa diminuir o número de notícias falsas. Finalmente, Tishkov argumenta que, a

---

<sup>88</sup> TISHKOV, A. V. Op. cit, p.176

<sup>89</sup> Idem, p.177

<sup>90</sup> Idem, p.178

<sup>91</sup> Idem, p.179

<sup>92</sup> Ibidem

<sup>93</sup> Ibidem

fim de que todo este processo de reintegração entre tchetchenos e russos, deve-se haver um maior respeito ente ambos, especialmente por parte dos russos, que devem acabar com denominações relacionadas aos tchetchenos do tipo “selvagens” entre outras nomenclaturas que denigrem a imagem deste último povo.<sup>94</sup>

Contrastando com estas propostas de Tishkov, há, ainda, a proposição formulada pelo Ministro de Relações Exteriores da Tchetchênia, Ilyas Akhmadov, de que se seja dada à Tchetchênia a oportunidade de ser um Estado independente. A idéia de Akhmadov é transformar a Tchetchênia num Estado democrático e pacífico por meio de um período transitório, que duraria vários anos, sob administração internacional. Ou seja, seria oferecida a chance, à Tchetchênia, de se mostrar competente na sua reconstrução e fortalecimento como Estado internacional. Este reconhecimento viria após uma espécie de estágio probatório, durante o qual deveriam ser mostradas as capacidades de reorganização da sociedade tchetchena.<sup>95</sup>

Diante do presente cenário, vale a pena trazer duas questões à discussão. A primeira delas está relacionada com a possibilidade de sobrevivência da República Tchetchena uma vez que esta se torne independente. Esta seria uma situação bastante difícil de ser imaginada pois além de se encontrar bastante destruída, a Tchetchênia depende economicamente da Rússia<sup>96</sup>, portanto seria de todo duvidoso afirmar que uma sociedade que se encontra arrasada por duas guerras seria capaz de se reorganizar e de se reerguer, tornando-se um Estado independente. Se teoricamente, por um momento, imaginarmos que isto seria possível, outra questão logo viria à tona. Valeria a pena perguntar se a luta por um Estado independente corresponde às possibilidades políticas e de conjuntura internacional atuais.

A Carta das Nações Unidas garante a todos os povos o direito universal à autodeterminação, no entanto este conceito é limitado, pois de acordo com o ex-Secretário Geral da ONU, Boutros Boutros-Ghali, “O mundo não pode se dar ao luxo de permitir que cada grupo culturalmente distinto tenha seu próprio Estado, não

---

<sup>94</sup> Idem, p.180

<sup>95</sup> AKHMADOV, Ilyas. “The Russian-Chechen Tragedy: The Way to Peace and Democracy – Conditional Independence under an International Administration”, p. 43

<sup>96</sup> SLOCUM, John W. Disintegration and Consolidation: national separatism and the evolution of center-periphery relations in the Russian Federation. p.2

funciona” (minha tradução).<sup>97</sup> De acordo com Boutros-Ghali, o início da década de 90 foi marcado por contradições no cenário internacional. A evolução dos meios de comunicação ocasionou a integração cada vez maior dos países. Por outro lado, surgiram diversos movimentos nacionalistas, perquirindo soberania internacional. No entanto, se cada grupo étnico, religioso ou lingüístico reivindicasse um Estado, não haveria limites para a fragmentação, o que dificultaria o alcance da paz, da segurança e do bem-estar econômico para todos.<sup>98</sup> Quanto maior o número de Estados no cenário internacional, mais difícil se tornaria chegar a consensos sobre decisões acerca de temas globais. Portanto, como propõe Boutros-Ghali, seria importante que estas pequenas minorias étnicas fossem respeitadas dentro de seus próprios Estados nacionais, alcançando soberania e representação política equitativa dentro do próprio Estado. Desta forma, evitar-se-ia que problemas que podem ser resolvidos internamente passassem a figurar no plano internacional.

No entanto, em face da proposta de Boutros-Ghali, faz-se necessário o questionamento acerca das possibilidades de convivência entre tchetchenos e russos após tudo que aqui fora exposto sobre o conflito. É, no mínimo, questionável a capacidade que estes dois povos teriam de apagar os capítulos passados e reconstruir suas histórias paralelamente, respeitando a autonomia territorial e cultural de cada etnia.

Portanto, a realidade das diversas minorias étnicas e culturais de todo o mundo é muito mais complexa do que a Organização das Nações Unidas é capaz de regular. Como no caso da Rússia, governos locais continuam sendo extremamente autoritários, ao mesmo tempo em que as minorias tornam-se cada vez mais violentas e combativas. Outro ponto a ser observado é a diferenciação entre as lutas internas. Existem casos em que a separação pode não ser a melhor saída, mas em outros sim. Analisar detidamente caso a caso os conflitos internos deve fazer parte da estratégia das Nações Unidas, principalmente na cena política mediante diálogo. Esta pode ser a melhor herança da ONU.

---

<sup>97</sup> BOUTROS-GHALI, Boutros. “An Agenda for Peace: preventive diplomacy, peacemaking and peace-keeping.” (Nova Iorque, 1992). “*The world cannot allow itself the luxury of permitting every culturally distinctive group to set up its own state, it is completely unworkable*”.

<sup>98</sup> BOUTROS-GHALI, Boutros. Op. cit.

## Conclusão

Como se pôde observar ao longo do trabalho de pesquisa, o conflito entre tchetchenos e russos, de que temos notícias apenas desde meados da década de 90, é bastante antigo e traz à tona discussões sobre a formação da identidade nacional do próprio Estado russo. Tendo sido uma Federação que se formou por meio do processo de agregação, ou seja, diversas nações foram sendo incorporadas ao território imperial no período czarista, nota-se que ainda hoje não há uma homogeneidade cultural dentro do território. Antes o contrário, é uma sociedade que se mostra bastante segregada, sendo o conflito com os tchetchenos a expressão última das divergências existentes entre estes dois povos.

A segregação existente dentro da Rússia, foi gerada não apenas pela forma como se deu a formação do Estado, na época imperial, mas também pela maneira como foram tratadas estas diferenças étnicas durante os anos seguintes. Como foi apresentado, durante o período comunista, principalmente na época do regime stalinista, houve uma grande repressão, por parte dos russos, sobre as etnias militarmente mais fracas, havendo até mesmo uma tentativa forçada de homogeneização da população russa. Como se pôde observar com as deportações ocorridas neste período.

Estas tentativas forçadas de se estender a identidade nacional russa por todo território gerou apenas uma separação maior entre as diversas etnias. Outro fator que contribuiu para a atual situação foi a forma como se desenrolou o conflito desde a desagregação da União Soviética, conforme foi apresentado no capítulo três. Há que se mencionar, ainda, que a forma como os separatistas radicais tchetchenos vêm se comportando nos últimos anos, ou seja, utilizando o terrorismo como forma de protesto, também tem contribuído para o aumento deste abismo.

Portanto, é bastante compreensível que a população russa sinta-se ameaçada por tchetchenos, diante de toda violência demonstrada pelos separatistas radicais, como também o é que tchetchenos não queiram fazer parte de um mesmo Estado junto com os russos, pois já sofreram enormes perdas. O abismo que há entre estes dois povos, ou

seja, a ferida aberta é bastante profunda, o que gera a dificuldade em se encontrar um entendimento pacífico.

No entanto, a questão não pode ser deixada de lado apenas por ser delicada, há que se estudar maneiras de solucionar tal situação. Da mesma forma que a independência tchetchena é questionável, pois não se sabe se esta nação seria capaz de se organizar como um Estado. Também é difícil de se visualizar como dois povos que guardam tantos rancores pela história sofrida que têm, que não têm respeito um pelo outro, podem fazer parte de um mesmo Estado. Em casos como este, é de grande importância que a ONU possa contribuir com o diálogo, de modo que uma solução pacífica para ambos os lados seja alcançada.

Pode parecer um tanto quanto utópico falar em participação da ONU no conflito uma vez que a própria Rússia é membro permanente no Conselho de Segurança desta instituição, e está em desacordo com qualquer interferência externa. No entanto, uma vez estando comprometida com a manutenção da paz mundial e com a proteção dos direitos individuais de cada ser humano, torna-se de grande importância que a sociedade internacional contribua para a tentativa de alcançar soluções para os conflitos, de qualquer natureza. Uma forma de participar na solução dos conflitos mencionados seria por meio da ONU, instituição criada com estes objetivos precípuos.

## ANEXO I - A

### Acordo de Paz de Khasavyurt<sup>99</sup>

O Acordo de Paz de Khasavyurt entre russos e tchetchenos  
31 de Agosto de 1996

Declaração Conjunta

Nós abaixo assinados,  
Levando em consideração o progresso alcançado na realização do Acordo sobre o fim das operações militares;

Esforçando-se para alcançar pré-condições mutuamente aceitáveis para um acordo político sobre o conflito armado;

Considerando que o uso ou a ameaça de uso de forças armadas na resolução de disputas é inaceitável;

Baseados na aceitação geral do princípio de auto-determinação dos povos, do princípio da equidade de direitos, voluntariedade e liberdade de escolhas, o fortalecimento do acordo nacional e a segurança das pessoas;

Expressando a vontade incondicional de defender os direitos humanos e liberdades dos cidadãos, sem discriminação de origem nacional, denominação religiosa, lugar de residência e outras diferenças, um fim dos atos de violência entre oponentes políticos, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1949 e com o convênio internacional sobre Direitos Civis e Políticos de 1966,

Nós formulamos princípios\* para a determinação de uma plataforma de relacionamento entre a Federação Russa e a República Tchetchena, com base na qual serão lideradas as próximas negociações.

Assinado por

S. <sup>a</sup>Lebed  
S. <sup>a</sup>Maskhadov  
S. Kharlamov  
S. Abumuslinov

Na presença do Chefe da *OSCE Assistance Cooperation* na República da Tchetchênia, assinado por T Guldiman.

---

<sup>99</sup> Apud SAKWA, Richard. (Appendix) *Nezavismaya gazeta*, 3 September 1996, p. 3.

\* Estes princípios são estabelecidos em separado do acordo.

## ANEXO I – B

\* Princípios para a determinação das relações entre a Federação Russa e a República da Tchetchênia.

- a. Acordo nos termos para as relações entre a Federação Russa e a República da Tchetchênia, a ser decidido em concordância com os princípios gerais e as normas do direito internacional, deve ser alcançado antes de 31 de Dezembro de 2001.
- b. Não antes de 1 de Outubro de 1996 uma comissão conjunta será formada por representantes de órgãos estatais da Federação Russa e da República da Tchetchênia, dos quais as tarefas consistirão em:
  1. controlar a implementação do Decreto n. 985 do presidente da Federação Russa de 25 de Junho de 1996 e preparação de propostas para a completa retirada das forças armadas;
  2. preparação de acordo sobre medidas de combate ao crime, terrorismo e manifestações de conflitos nacionais e religiosos e controlar sua implementação;
  3. formulação de propostas para as relações monetárias e orçamentárias;
  4. preparação e criação, por meio do governo da Federação Russa, de um programa de reabilitação da infraestrutura econômica da República da Tchetchênia;
  5. controle das atividades dos órgãos de poder do Estado e outras organizações no fornecimento de comida e remédios para a população.
- c. As leis da República da Tchetchênia serão baseadas no respeito pelos direitos humanos e nos direitos dos cidadãos, no direito de autodeterminação dos povos, nos princípios de igualdade entre as pessoas, na proteção da paz, na segurança e harmonia internacional dos civis que vivem no território tchetcheno, sem distinção de nacionalidade, religião ou outras diferenças.
- d. A comissão conjunta se comprometerá a trabalhar de acordo com o consentimento mútuo.\*

---

\* A tradução do texto do acordo foi feita por mim, com base no texto em inglês apresentado por Richard Sakwa em *Chechnya: from past to future*.p.295-6

## ANEXO II

### **Tratado sobre a Paz e os Princípios de Relações Mútuas entre a Federação Russa e a República Tchetchena de Ichkéria\***

As estimadas partes do acordo, desejando por fim aos longos séculos de antagonismos entre eles e esforçando-se para estabelecer relações mutuamente benéficas, firmes e equilibradas, por meio deste estabelecem:

1. Rejeitar para sempre o uso da força ou da ameaça na resolução de qualquer objeto de disputa.
2. Desenvolver suas relações baseando-se nos princípios e normas do direito internacional. Por meio do qual as partes devem basear seus acordos específicos.
3. Este Tratado deve servir de base para a formulação de outros acordos e tratados sobre todo e qualquer tipo de objeto.
4. Este Tratado é escrito em duas cópias e as duas têm o mesmo poder legal.
5. Este Tratado terá efetividade a partir do dia da sua assinatura.

Moscou, 12 de Maio de 1997.

B. Yeltsin  
Presidente da Federação Russa

Aslan Maskhadov  
Presidente da República Tchetchena de  
Ichkéria

---

\* Apud SAKWA, Richard. *Izvestiya*, 14 May 1997. O texto do tratado foi traduzido por mim a partir do inglês.

### ANEXO III

## Mapa da Federação Russa



Figura 3-A: Mapa da Federação Russa com a divisão das Repúblicas.  
Disponível em: [http://www.lib.utexas.edu/maps/commonwealth/russia\\_auton96.jpg](http://www.lib.utexas.edu/maps/commonwealth/russia_auton96.jpg)

**ANEXO IV**  
**Composição étnica das Repúblicas da Federação Russa**

<i>República</i>	<i>População Total</i>	<i>Nacionalidade titular (%)</i>	<i>Russos (%)</i>
Adygei	432.046	22	68
Altai	190.831	31	60
Bashkortostan	3.943.113	22	39
Buryatia	1.038.252	24	70
<b>Tchetchênia - Ingushetia</b>	<b>1.270.429</b>		
Tchetchenos		58	23
Ingushes		13	
Chuvashia	1.338.023	68	27
Daguestão	1.802.188	80	9
Kabardino-Balkaria	753.531		
Kabardinos		48	32
Balkares		9	
Kamykia	322.579	45	38
Karachaevo-Cherkessia	415.970		
Karakais		31	42
Cherkess		10	
Karelia	790.150	31	74
Khakassia	566.861	10	79
Komi	1.250.847	23	58
Mari-El	749.332	43	47
Mordovia	963.504	32	61
Ossétia do Norte	632.428	53	30
Sakha-Yakutia	1.094.065	33	50
Tartastão	3.641.742	49	43
Tuva	308.557	64	32
Udmurtia	1.605.663	31	59

*Fonte: SLOCUM, John W. Disintegration and Consolidation: national separatism and the evolution of center-periphery relations in the Russian Federation, Appendix B, p.51 (minha tradução)*

## ANEXO V Mapas



Figura 1-A. Localização geográfica da Tchetchênia.

Disponível em: [http://www.lib.utexas.edu/maps/commonwealth/chechnya\\_rel01.jpg](http://www.lib.utexas.edu/maps/commonwealth/chechnya_rel01.jpg)



Figura 1-B. Território onde se encontra o rio Dnieper, hoje ocupado pela Ucrânia.

Disponível em: <http://www.send.org/ukraine/geography.htm>

## Referências Bibliográficas

- AKHMADOV, Ilyas. *The Russian-Chechen tragedy: the way to peace and democracy – conditional independence under an international administration*. **Ministry of Foreign Affairs of the Chechen Republic of Ichkeria**.
- ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Atica, 1989. 191p
- BALAKRISHNAN, Gopal (org). **Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. 335p
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**, 12. ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. 2 v.
- DUNLOP, John B. **Russia confronts Chechnya: Roots of a Separatist Conflict**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 234p
- GAMMER, Moshe. *Nationalism and History: rewriting the Chechen national past*. **Secession, History and Social Sciences**, Brussels: Brussels University Press, 2002
- HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 230 p.
- MARKELOV, N. V. *Where Martial Plunder Prowls the Mountains*. **Russian Studies in History**, vol. 42, n 2, p. 22-38, Fall 2002,
- MEDVEDEV, Roy. **La Rusia Post-soviética**. Barcelona: Paidós, 2004. 383p
- MEIER, Andrew. **Terra Negra: Uma viagem pela Rússia pós-comunista**. São Paulo: Globo, 2005. 595p
- POLITKOVSKAYA, Anna. **A Small corner from hell: Dispatches from Chechnya**. Chicago: University of Chicago Press, 2003. 224p
- POCH-DE-FELIU, Rafael. **La gran transición: Rusia, 1985 – 2002**. Barcelona: Memoria Critica, 2003. 440p

- ROSENAU, James N.; CZEMPIEL, Ernest-Otto (org). **Governança sem Governo:** ordem e transformação na política mundial. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 431p
- RÚSSIA. Constituição (2003). **Constituição da Federação Russa:** promulgada em Dezembro de 2003 e submetida ao referendo nacional.
- SAIDEMAN, Stephen M. *The Ties that Divide: Ethnic Politics, Foreign Policy, and International Conflict.* Nova Iorque: Columbia University Press, 2001. 327p
- SAKWA, Richard (Ed.). **Chechnya:** from past to future. London: Anthem Press, 2005. 300p
- SERVICE, Robert. **A History of Modern Russia:** from Nicholas II to Vladimir Putin. Cambridge: Harvard University Press, 2005. 659p
- SETON-WATSON, Hugh. **Nations and States.** Bolder, Colorado: Westview Press, 1977. 563p.
- SLOCUM, John W. *Disintegration and Consolidation: national separatism and the evolution of center-periphery relations in the Russian Federation.* **Peace Studies Program**, Occasional Paper n.19, Oklahoma, Julho, 2005.
- STAZYS, Knezys e SEDLICKAS, Romanas. **The war in Chechnya.** Texas: Texas A&M University Press, 1999. 359p
- TURNER, Jonathan H. **Sociologia:** conceitos e aplicações. São Paulo: Markon Books, 2000. 253p
- ZIZEK, Slavoj. **Às Portas da Revolução:** escritos de Lênin de 1917. Tradução de Luis Bernardo Pericás, Fabrício Rigout e Daniela Jinkins. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005. 350p

## Fontes Eletrônicas

INFORMATION AGENCY. **Chechnya:** informações, em inglês, atuais sobre o que ocorre na Tchetchênia hoje. Disponível em:<<http://www.chechnya.ru>> Acesso em: 10 de Fevereiro de 2006

SUMMIT MEETING OF THE SECURITY COUNCIL, A 47 277 – S 24111, 1992, Nova Iorque. **An Agenda for Peace: Preventive diplomacy, peacemaking and peace-keeping.** Disponível em:<<http://www.un.org/docs/SG/agpeace.html>> 15p

VOICE OF RUSSIA. **Chechnya Free:** informações diversas sobre acontecimentos na Tchetchênia. Disponível em: <<http://www.chechnyafree.ru/index.php?lng=eng.>> Acesso em: 23 de Janeiro de 2006.

WIKIPEDIA – The Free Encyclopedia. Enciclopédia eletrônica com informações gerais sobre a Rússia e suas Repúblicas. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Chechnya&printable=yes>> Acessado em: 20 Fevereiro 2006